

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas
Ano I – N. 1 – COGNÓPOLIS – Setembro 2014

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 3

AFRICANOLOGIA

Africanofilia – Giuliana Costa 5

COSMOVISÃO

Metodologia Autodidata Cosmovisiológica – Amy Bello 11

EXPERIÊNCIAS EM ÁFRICA

Entrevista com Malu Lindemann 33

LINGUÍSTICA

Olhares Multifocais sobre a Situação Sociolinguística em Moçambique: Reflectindo Criticamente sobre Políticas e Práticas – Ilídio Macaringue 39

MEDICINA

Condutas Profiláticas na África: História da Saúde e Recomendações ao Viajante – Fernanda Schweitzer e Ludimila Assis 53

VIAGENS INTERNACIONAIS

Entrevista com Judite Joaquim Raul 65

Expediente

Editoras: Amy Bello e Kátia Arakaki.

Capa: Matheus Nogueira e Ernani Brito.

Diagramação: Epígrafe Editorial e Gráfica Ltda.

Apoio: CEAEC.

Patrocínio: V.I.U.



Foto: Campus CEAEC, Simone Di Domenico, 2011

INTERCONS – Intercâmbio Conscienciológico Internacional

Instituição sem fins lucrativos voltada à conexão das demandas internacionais interassistenciais com voluntários especialistas.

Facebook: <https://www.facebook.com/intercons>

E-mail: intercambioconscienciologico@gmail.com

Site: www.interconsglobal.org Telefone: (45) 3028.4102

APRESENTAÇÃO

O Continente Africano é o berço do *Homo sapiens* e o conceptáculo da Humanidade. Estudar a própria procedência, as raízes e origens da civilização planetária, torna-se tarefa prioritária a toda consciência comprometida com a evolução pessoal e coletiva.

A África é o neodesafio proposto a todos que reconhecem o compromisso histórico, milenar, assistencial e humanitário com esse continente. É chegado o momento de efetivar o *trinômio conhecer-assistir-retribuir*.

Conhecer o Continente Africano é o primeiro desafio. Essa é uma das propostas do evento *Painel da África*, realização conjunta da instituição Intercâmbio Conscienciológico Internacional (INTERCONS) e do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica (CEAEC).

A publicação que o leitor, ou leitora, tem em mãos, reúne trabalhos apresentados no painel, acrescidos de outros artigos inéditos sobre a África a partir de diferenciadas perspectivas interdisciplinares, favorecendo a construção de visão cosmoviológica sobre o tema.

Africanologia, Cosmovisão, Experimentologia, Linguística, Saúde e Viajologia são algumas das especialidades trabalhadas pelos autores nos substanciosos textos publicados nesse número da *Intercâmbio*, revista de experiências cosmopolitas.

Assistir o Continente Africano é o segundo desafio, responsabilidade de todas as consciências lúcidas quanto ao maximecanismo da Reurbanização Intra e Extrafísica em curso na Terra. A premência da África enquanto local prioritário na atual *Era das Reurbanizações* é notória se considerarmos as demandas de crescimento inclusivo e a meta de erradicação da pobreza no continente até o ano de 2030 (*Africa Progress Panel, 2014*).

A dívida histórica com a diáspora africana compulsória através do tráfico negreiro ainda exige recomposição, notadamente pela tarefa do esclarecimento. A INTERCONS está arrecadando fundos para a publicação do livro *Projectiology*, de Waldo Vieira, para distribuição nas bibliotecas do continente.

Retribuir ao Continente Africano as oportunidades de vida, de vivências pretéritas (retrovistas) e também às futuras ressomas (Pré-Intermissiologia), é o terceiro, certamente não o último, grande desafio. Foi para cumprir esse propósito que fiz o convite aos professores Kátia Arakaki e João Aurélio, coordenadores da INTERCONS, em nome do CEAEC, para a realização conjunta do *Painel África*.

A inspiração para a concepção desse evento surgiu durante a realização de técnica pessoal energética dessa autora, denominada *tenepes*. Após ter tido a ideia e ao soar o alarme do telefone celular indicando o término da atividade, ao tomar o celular para desligar o sinal sonoro, encontro na tela do fone móvel o aplicativo *Google Maps* ativado, com o mapa do Continente Africano tomando a totalidade da tela do aparelho. Mensagem entendida! Convite feito, foi prontamente aceito pela INTERCONS, materializado pelo evento e pela presente gescon.

Votos de produtiva leitura a todos os pesquisadores e pesquisadoras africanofílicos.

Eliana Manfroi

Jornalista, enciclopedista e Coordenadora
da área Técnico-Científica do CEAEC.



AFRICANOFILIA

Giuliana Costa

*“Registros de viagem, estou seguro, são interessantes na proporção em que o viajante vai, não como observador universal, mas com uma busca definida para seu próprio universo”.*¹

Richard F. Burton

Objetivo. O presente texto apresenta vivências pessoais na África, segundo o paradigma consciencial. Exemplificam-se fatos e parafatos ocorridos neste continente, objetivando despertar o interesse, a curiosidade pesquisística, a quebra de mitos sobre a África, proporcionando o aumento da cosmovisão, o universalismo e o sentimento de fraternidade com o povo africano.

Definição. A *africanofilia* é a capacidade, propriedade, qualidade, vontade ou condição pessoal intraconsciencial de desenvolver o interesse pesquisístico pelo povo, cultura, História do continente africano, com o objetivo interassistencial da tarefa do esclarecimento (tares), segundo o paradigma conscienciológico.

Etimologia. A origem do termo *áfrica* é incerta, talvez do idioma Fenício, *afri*, “nome de tribo berbere; habitantes do território de Cartago”, ou do idioma Latim, *Africa*, de *afri*, “afros; nome de povo praticamente desconhecido”. Apareceu no Século II, a.e.c. O elemento de composição *filia* deriva do idioma Grego, *philos*, amigo; querido; queredor; agradável; que agrada”. Surgiu no Século XVIII.

Profissão. A motivação para ir à África esteve sempre relacionado à profissão de geóloga. Ao longo de carreira profissional de 13 anos, este tem sido o continente com maior presença, praticamente contínua nos últimos 4 anos, embora no início caracteriza-se somente por idas e vindas esporádicas à África do Sul. No entanto, tal carreira não foi “planejada” intencionalmente por esta autora. Os fatos (proéxis inimaginada) orientaram-me a seguir este caminho.

Autovivências. A seguir, apresentam-se resumos, apanhados de fatos vividos na África, dispostos em 2 períodos: pré e pós conhecimento da Conscienciologia:

Pré-Conscienciologia (Novembro de 2001 a Agosto de 2009). A primeira viagem ao continente africano foi para a África do Sul. Esta fase caracterizou-se por indas e vindas a este país ao longo de quase 8 anos e pelo desconhecimento da Conscienciologia. Durante o intervalo de tempo mencionado acima, ressaltam-se visitas às seguintes cidades sul-africanas: *Bloemfontein*, *Centurion*, Cidade do Cabo, *East London*, Irene, Johannesburgo, *Kimberley* e Pretória.

As viagens à Johannesburgo e *Kimberley* foram motivadas por eventos profissionais (reuniões, visitas e treinamentos). Passeios eram escassos, mas em algumas ocasiões tive a oportunidade de visitar parques nacionais e minas de diamantes.

Parapercepções. Em Fevereiro de 2005, fiquei em *Kimberley* por 4 meses. Esta cidade tem tradição em diamantes, sendo o primeiro local do planeta a ter mina de diamantes.

Kimberley. A atmosfera remonta ao Século XIX, quando fluxo maior de pessoas teve início com a descoberta de diamantes. Ao andar pela cidade, percebe-se claramente o holopense daquela época, reforçado pelos edifícios e casas com arquitetura inglesa daquele período. A cidade é chamada de fantasma por algumas pessoas. Além disso, foi utilizada para campo de concentração durante a segunda guerra anglo-bôer (1899 – 1902). O local (para evitar de repetir cidade 3 vezes) permite voltar ao passado, esteja onde estiver. A entrada no Museu do *Big Hole*, localizado onde antes fora mina de diamantes, proporciona ao visitante viagem no tempo, ao andar pela réplica da cidade à época da corrida dos diamantes.

Bloemfontein. Neste período, tive a oportunidade de visitar *Bloemfontein*, cidade vizinha à *Kimberley*. A cidade conta com infraestrutura melhor e edifícios modernos, comparados à *Kimberley*. Por ser a capital judiciária da África do Sul, o holopense está associado às leis, à justiça. No entanto, percebe-se ainda energia diferente desta, trazendo à mente a sensação de algo parado no tempo (esta energia poderia estar associada ao campo de concentração durante a segunda guerra anglo-bôer e ao monumento erguido nesta cidade para lembrar crianças e mulheres mortas durante a guerra?).

Cidade do Cabo. Em viagem de carro, partindo de *Kimberley* em direção à Cidade do Cabo, pude experimentar as variações no holopense, as energias de cada local, ao se passar por paisagens completamente diferentes: da região do *Karoo* ao Cabo, há uma variedade de rochas e plantas completamente distintas. O maior trajeto da viagem ocorreu em locais de paisagem aberta e plana com ausência de árvores e presença de pequenos arbustos. As poucas cidades ao longo do caminho mostraram-se pouco populosas e com infraestrutura limitada. Percebia-se energia mais densa, forte, nem positiva nem negativa; é difícil definir, mas soava “estranha” naquele momento.

Ao me aproximar da região do Cabo, a energia era totalmente diferente, com presença de montanhas e vegetação abundante. A energia percebida era mais acolhedora, menos densa, talvez proporcionada pela proximidade do mar ou mesmo pela maior abundância de energia consciencial. O holopense da Cidade do Cabo está associado ao lazer junto à Natureza, local propício para desassimilar energias. As paisagens do mar com montanhas e vegetação rasteira, caracterizadas por arbustos e gramíneas, formam cenários de tirar o fôlego. Seguindo da Cidade do Cabo em direção a *East London*, através da *Garden Route*, o aumento de fitoenergia é evidente, por este motivo esta estrada é chamada de Rota dos Jardins.

Johanesburgo. A capital financeira da África do Sul, Johanesburgo, sempre se apresentou hostil e perigosa. O holopense relacionado à violência e racismo era presente o tempo todo e observado nas atitudes das pessoas, por meio de tratamento seletivo pela cor da pele, ou seja, o *apartheid* ainda perdurava nos relacionamentos interpessoais, apesar de ter sido extinguido oficialmente. Residência e prédios comerciais com a presença de guardas fortemente armados, deixavam a sensação de desconforto e insegurança. Além disso, sentia algo mais por fazer, algo estava pendente, uma ligação inexplicável com a África do Sul, mas não soube avaliar esta sensação. Centurion e Irene, cidades próximas à Johanesburgo, caracterizam-se por serem opção de moradia para trabalhadores desta cidade. No entanto, estive por alguns dias nestes municípios e não recorde de nenhuma parapercepção específica. O mesmo se aplica à Pretória.

Análise. Nesta fase, alheia às técnicas conscienciológicas, não fazia anotações, muito menos trabalhava as energias. No entanto, estava sempre à procura de algo, sempre envolvida com assuntos místicos, praticando meditação, mas nada respondia às questões relacionadas às parapercepções

e parapsiquismo de forma assertiva e clara. Em agosto de 2009, última viagem deste período, pensei não voltar mais à África do Sul, mas estava enganada.

“Do fundo da minha autoconsciência, eu eliminei a ideia, de que há motivo substancial para o véu de mistério, como o de Ísis, que ainda encobre parte razoável do Oeste da África”²

Richard F. Burton

Pós-Conscienciologia (Julho de 2010 a Setembro de 2014). Em meados de março-abril de 2010, conheci a Conscienciologia por meio de pesquisa na internet sobre o tema projeção astral. Entrei em contato com o IIPC (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia) em Belo Horizonte, MG, município onde residia à época.

Trabalho. Após este evento, recebi proposta de trabalho para trabalhar em Mali, país localizado no oeste da África, onde morei por quase 2 anos. Em seguida, morei em Moçambique e Mauritània, onde trabalho atualmente.

Parapercepções. Apesar de não saber nada sobre Mali, segui para a cidade de Sadiola, localizada no oeste do país, região produtora de ouro. O contato ocorrido com a Conscienciologia, alguns meses antes da viagem, resultou na aquisição de livros conscienciológicos para ler e estudar enquanto estivesse em Mali.

Sadiola. Em Sadiola, na vila da mina onde morei, os domingos foram preenchidos com a leitura e estudo desses livros, além de acompanhar as tertúlias *online*. A prática diária do estado vibracional contribuiu para a sustentabilidade energética e pensênica, favorecendo ambiente para estudos e pesquisas.

Holopensene. O holopensene negativo do local é reforçado pelo uso constante de bebidas alcoólicas, associado à prostituição e fanatismo religioso. Além disso, o sacrifício de animais para rituais africanos contribuía ainda mais para o assédio e manutenção do holopensene patológico. Por algumas vezes, percebi nitidamente a presença de consciexes assediadoras e amparadoras também. Em Março de 2012, o golpe de estado em Mali foi evento decisivo para sair do país. Após 20 meses no país, passei período no Brasil e Europa, antes de ir para Tete, Moçambique.

Verbete. A viagem para o Brasil foi diferente das outras vezes, pois desta vez iria defender o primeiro verbete no *Tertularium*, no CEAEC, Foz do Iguaçu, com o título “Preconceito”.

Moçambique. Continuei estudando a Conscienciologia em Moçambique e fazendo pesquisas com o trabalho das energias. A presença maior de fitoenergia e proximidade com o alojamento onde morava, propiciou práticas energéticas junto às árvores e mata típica.

A vegetação local caracteriza-se por árvores pequenas e troncos finos. A folhagem é seca, de cor amarela com tons de marrom na época da seca, as plantas parecem fracas, mas é só aparência. Ao exteriorizar e absorver energias junto a essa vegetação percebia energia intensa, forte. A energia te envolve e ao voltar para casa, notava renovação das energias, como se o soma tivesse recebido uma dose extra de energia. O sol forte do local e o solo mais árido podem contribuir para a flora mais resistente e penso isso ser fator para essa vegetação ter mais energia. É diferente de mata tropical, onde sente-se energia mais “solta” e tem-se a sensação de frescor, desassimilação.

Tete. Região conhecida pela riqueza em carvão. Após a instalação de mineradoras na região, houve migração intensa de estrangeiros e da população local, atraídos por altos salários. No entanto, a descoberta do volume de uma das minas de reservas de carvão ter sido calculado erroneamente, fez a região perder a credibilidade e confiança, de investidores e trabalhadores. As demissões tiveram início no primeiro semestre de 2013 e o *boom* do carvão em Moçambique estava acabado. As minas de Tete continuam, mas a febre do carvão passou. As minas de carvão continuam em produção, mas sem os holofotes de antes. Ao apagar das luzes, deixei Tete.

Voluntariado. Ao sair de Tete, passei uma temporada em Johannesburgo, África do Sul, voluntariando na Intercâmbio Conscienciológico Internacional. O trabalho voluntário consistia em pesquisas de locais para futuras atividades da Conscienciologia, possíveis locais para instalação de instituição conscienciocêntrica e campus da Conscienciologia, gráficas para impressão de livros e doações de livros conscienciológicos para bibliotecas da África. Essas atividades ocorreram no período de Junho de 2013 a meados de Agosto de 2014.

Mauritânia. Em Dezembro de 2013, surgiu a oportunidade de trabalhar em outra mina de ouro, desta vez na Mauritânia. Ao chegar na capital, Nouakchott, senti-me bem, como se estivesse retornando para lugar já conhecido. Apesar da proximidade com Mali, o país é totalmente diferente, a começar pelos trajes típicos do deserto (*boubou* e turbante) e a presença de pessoas com traços físicos árabes. A mina, localizada em Tasiast, no deserto do Saara, chocou-me logo na chegada: senti estar chegando em outro planeta. Acomodações idênticas dispostas geometricamente em retângulos idênticos em área protegida por cerca, passou-me a ideia de campo de concentração. A ausência de árvores, vegetação, pássaros amiúde e o terreno plano propiciam visão diferente, deixando o céu mais próximo dos olhos. Não pude deixar de imaginar o motivo pelo qual os povos antigos do Egito e do oeste da África desenvolveram interesse por Astronomia: basta olhar para o céu e saber o motivo. A visão aberta do céu e das estrelas permite expandir os pensamentos para além deste planeta e despertam a curiosidade. Quase todas as noites, o céu mostra a bandeira da Mauritânia: a lua minguante com a estrela próxima, não na mesma posição desenhada na bandeira, mas muito parecida.

Aeroenergia. A presença da aeroenergia é muito intensa. Dentre as energias imanentes, esta é a menos estável, e penso por este motivo, influenciar os povos nômades a estar sempre em constante mudança. Em alguns momentos, pude perceber e ver, consciexes usando turbantes, com aparência típica do povo do deserto.

Análise. As diferenças das experiências na África antes e depois da Conscienciologia estão na abordagem das vivências de modo mais amplo, expandindo e ampliando, tanto as pesquisas interconsciências quanto intraconsciências. O resultado das vivências pessoais no continente africano pode ser expresso pelo aumento da curiosidade pesquisística em todas as áreas do conhecimento humano.

Resumindo alguns pontos das experiências pessoais, segundo o paradigma consciencial, foram elaboradas as tabelas ilustrativas 1, 2 e 3 sobre energias imanentes, parapercepções e breve conscienciometria de cada país visitado no continente africano.

Energias imanentes. Os 4 tipos de energia imanente: aeroenergia, fitoenergia, geoenergia e hidroenergia foram observados em todos os países africanos em que estive. No entanto, pude observar a predominância maior de determinado tipo de energia imanente em cada local. Para isso, elaborei a tabela 1, dispondo em ordem alfabética os países e cidades, seguidos da(s) respectiva(s) energia(s) dominante(s).

Tabela 1. Energias Imanentes

País	Cidades	Energia
África do Sul	Cidade do Cabo Johanesburgo Kimberley	Hidroenergia; geoenergia; aeroenergia Fitoenergia. Aeroenergia; geoenergia.
Mali	Sadiola	Aeroenergia; fitoenergia.
Mauritânia	Tasiast	Aeroenergia.
Moçambique	Tete	Fitoenergia; hidroenergia.

A falta de um tipo de energia imanente nesta tabela não significa que ela não esteja presente, mas somente que não foi percebida de forma mais intensa. Esta tabela apenas exemplifica experiências pessoais ao trabalhar as energias (estado vibracional e exteriorização de energias) nestes locais, ou mesmo, pela abundância de tipo específico de energia.

Parapsiquismo. Dentre as parapercepções mais frequentes, pôde-se observar a maior ou menor predominância de determinado fenômeno parapsíquico, como indica a tabela 2.

Tabela 2. Parapsiquismo

País	Cidades	Parapercepções
África do Sul	Johanesburgo	Clarividência; parapsiquismo impressivo.
Mali	Sadiola	Clarividência; catalepsia projetiva.
Mauritânia	Tasiast	Clarividência; parapsiquismo impressivo.
Moçambique	Tete	Clarividência; ectoplasmia.

Conscienciometria. Para ilustrar os trafores, trafares e trafais dos países africanos conhecidos, segue breve análise conscienciométrica, tendo como base o holopensene e os hábitos locais:

Tabela 3. Conscienciometria

País	Trafor	Trafar / Trafal
África do Sul	Alegria; organização; poliglotismo; valorizam o contato com a Natureza.	Autovitimização; falta de verbação; racismo; xenofobia.
Mali	Alegria; poliglotismo; respeito cultural.	Falta de verbação; idiotismo religioso; nacionalismo.
Mauritânia	Alegria; gentileza; poliglotismo.	Falta de verbação; ginossomofobia; idiotismo religioso; intolerância cultural.
Moçambique	Alegria; hospitalidade; poliglotismo.	Falta de verbação.

Africa under the skin. Fato interessante observado em algumas pessoas e relatados pelas mesmas é a falta, o gosto, a saudade, a vontade de ficar, de estar na África quando não se está aqui. Essas pessoas, incluindo esta autora, chamam isto de *Africa is under the skin*. É preciso vir para cá para saber, sentir isso na pele, e declaro se isto ocorrer: a África te pegou! Ou seja, você descobriu algo que sempre esteve em você, mas você ainda não tinha consciência. E uma vez aqui, você, muito provavelmente, vai retornar, querendo ou não. Até o momento, minhas pesquisas revelaram este fato. Acredito este fato estar relacionado à energia do continente, algo único e, também a vidas anteriores.

Crescimento. Ultimamente, tem havido inúmeras notícias sobre o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico da África. Há muitas empresas estrangeiras, de todos os setores, investindo no continente. Apesar disso, ainda há muito para ser feito nas áreas da saúde e educação.

Mitologia. Há muitos mitos sobre a África, perpetuados ao longo de séculos por histórias, filmes e literatura. A primeira delas: África não é um país, é um continente. Fome e pobreza é, praticamente, sinônimo do continente. Sem falar inúmeras doenças possíveis de se contrair aqui. Sim, há pobreza, fome, doenças na África, mas há também riquezas naturais, culturais e povo muito inteligente. É interessante observar a ideia das pessoas sobre locais desconhecidos, onde elas não estiveram antes e criam mitos injustificáveis.

Desconhecimento. Ao conversar sobre a África, ainda observo e recebo avisos dignos de riso. Um deles é: *nossa! Você vai pegar doença com o ar de lá.* Até o momento, não vi nenhum caso parecido com este. Fato interessante: nenhuma dessas pessoas pisou na África nesta existência. Há sim epidemias de doenças, mas também há epidemia de doenças no Brasil, Europa e pode acontecer em qualquer lugar. Ao falar dos problemas sociais existentes no Brasil para africanos, eles não acreditam, pois para eles o Brasil é muito desenvolvido.

Desmitificação. Os mitos sobre a África somente serão quebrados quando as pessoas vierem para cá, ajudarem as pessoas (tares), conhecerem o povo e perceberem o quão eles se esforçam para ser melhores. No entanto, há muita limitação sináptica, derivada dos idiotismos culturais, místicos, religiosos. A falta de educação e saúde contribuem para perpetuar hábitos seculares sem sentido.

A MITIFICAÇÃO DA ÁFRICA, CARREGADA DE NEGATIVISMOS É O MAIOR ENTRAVE DA CONSCIÊNCIA INTERESSADA EM AMPLIAR A INTERASSISTENCIALIDADE (TARES) NO CONTINENTE. ATÉ QUANDO VOCÊ VAI CONTINUAR COM A MESMA ATITUDE?

Bibliografia: Burton, Richard F; *Wanderings in West Africa*; 624 p.; 6 caps.; 11 cit.; 1 ded.; 5 enu.; 1 fig.; 1 for.; 1 ilus.; 10 listas; 1 mapa; 1 tab.; 2 vols.; 24 x 16 cm; enc.; pref.; Kessinger Publishing, LLC – Legacy Reprints; EUA; 2010 (reimpressão); páginas 4 e 5.

Nota 1: Texto original: *records of travel, I am assured, are interesting in proportion as the traveller goes forth, not a universal observer, but with a definite pursuit to a small world of his own.*

Nota 2: Texto original: *from the “depths of my self-consciousness” I had eliminated an idea, that there is some solid substantial reason for the veil of mystery which, like that of Isis, still shadows the fair proportions of Western Africa.*

METODOLOGIA AUTODIDATA COSMOVISIOLÓGICA: CASE CONTINENTE AFRICANO

Amy Bello

RESUMO: Baseada em duas técnicas mentaissomáticas – *Técnica do Cosmograma* e a *Técnica da Análise-Síntese aplicada à Escrita* – a autora propõe a *Metodologia Autodidata Cosmovisiológica* para aquisição de conhecimento de maneira autodidata, recursiva, em busca da cosmovisão. A metodologia é exemplificada com os resultados do *case* Continente Africano.

Palavras Chave: África; Autodidatismo; Cosmograma; Cosmovisiologia; Escrita; Técnicas Mentaisomáticas.

INTRODUÇÃO

Objetivos. O objetivo do artigo é apresentar duas técnicas mentaisomáticas – *Técnica do Cosmograma* e a *Técnica da Análise-Síntese aplicada à Escrita* – e a *Metodologia Autodidata Cosmovisiológica* desenvolvida a partir do uso destas duas técnicas para suprir lacuna pessoal do conhecimento. O artigo exemplifica a aplicação da metodologia com o *case* Continente Africano.

Público-Alvo. Destina-se a pessoas interessadas na aplicação de técnicas mentaisomáticas cosmovisiológicas para aquisição de conhecimento pelo autodidatismo.

Estrutura. O artigo está estruturado em 4 seções: *Técnica do Cosmograma*; *Técnica de Análise-Síntese aplicada à Escrita*; *Metodologia Autodidata Cosmovisiológica, Case Continente Africano*; Conclusões.

Metodologia. O conteúdo apresentado neste artigo baseia-se na autopesquisa da autora durante a aplicação continuada da *Técnica do Cosmograma* por mais de 1 década (2003-2014) e do desenvolvimento da *Metodologia Autodidata Cosmovisiológica* para aquisição de conhecimentos sobre o Continente Africano (*case* Continente Africano) no período compreendido entre janeiro de 2013 e julho de 2014.

TÉCNICA DO COSMOGRAMA

Proposição. A *Técnica do Cosmograma* foi apresentada pelo professor e pesquisador Waldo Vieira na Publicação *Boletins da Conscienciologia*, Vol. 2 n.1 – jan./dez. 2000, com a proposta de ser 1 dos 3 instrumentos da *Conscienciometria* para a pesquisa da *Conscienciologia*. Segundo Vieira, o objeto de estudo do Cosmograma é “a matéria, um derivado da energia, [que] constitui os objetos, coisas, realidades unitárias ou fatos (fenômenos, ocorrências) do Cosmos”.

Definição. A *Técnica do Cosmograma* é a técnica de leitura, seleção e análise de matérias publicadas na mídia nacional e internacional, de todas as inclinações político-partidárias, classificando-as segundo o principal tema abordado, de acordo com os princípios multidimensionais da Conscienciologia, objetivando alcançar, a longo prazo, a cosmovisão do holopense humano e das realidades do Universo, pelo exercício da associação máxima de ideias, da autocrítica e da interassistencialidade pessoal.

Passo-a-passo. A *Técnica do Cosmograma* consiste na aplicação dos seguintes 7 passos, em sequência funcional:

1. **Leitura de Jornais e Periódicos:** físicos / virtuais.
2. **Seleção de Matérias:** importância consciencial.
3. **Análise da Matéria:** elenco; contexto; causas e efeitos; Especialidades da Enciclopédia da Conscienciologia; entrelinhas; veracidade; desdobramentos; referências.
4. **Classificação Síntese da Matéria:** matersense; temas de pesquisa institucional / pessoal.
5. **Arquivamento:** físico / virtual; institucional / pessoal; temas de a-z / especialidades-subespecialidades.
6. **Armazenamento:**
 - a. **Físico:** espaço disponível; tipo de pastas.
 - b. **Virtual:** computador pessoal / *cloud*.
7. **Aplicação:** debates; docência; artigos; livros.

Posturas. A aplicação da *técnica do cosmograma* costuma ser desafiadora para o cosmogramático jejuno. Oito posturas são relevantes para o enfrentamento de tal desafio, listadas a seguir, em ordem lógica:

1. **Curiosidade.** Ter curiosidade para aprofundar-se na análise da matéria, buscando o pano de fundo. Muitas vezes isto só é conseguido pelo confronto com outras mídias ou pela observação dos desdobramentos ao longo do tempo.

2. **Benignidade.** A postura benigna durante a leitura de fatos protagonizados por consréus é profilática quanto à manutenção do heteroperdoamento e do exercício da interassistencialidade, dentro da maxiproéxis de reurbanização do planeta.

3. **Tranquilidade.** A pressa em acabar (livrar-se da matéria) pode produzir quantidade, mas a qualidade ficará a desejar. Entretanto, deve-se aceitar as dificuldades iniciais, e dar prosseguimento mesmo na incerteza, pois a segurança só virá com o tempo.

4. **Dinamismo.** Após estabelecer a lista inicial de temas de pesquisa, de preferência com temas *guarda-chuva*, estar sempre pronto para adicionar novos temas e alterar a organização hierárquica dos mesmos. Lema: Não ter medo de errar, pois faz parte do processo, mas consertar quando detectado o engano.

5. **Antidispersividade.** Por ser técnica cosmoviológica requer medidas antidispersão quanto ao volume de informações levantadas pela associação de ideias. Sugere-se o uso de memória externa (anotações organizadas, planilhas de computador) para não se perder no processo.

6. **Motivação.** As tarefas cosmogramáticas envolvem diferentes tipos de ações e talentos. Para a seleção de artigos basta leitura dinâmica; por outro lado, a análise e classificação do artigo requer

leitura concentrada e autorreflexão. Organizar temas requer planejamento da pesquisa, inclusive das gescons atuais e futuras, enquanto arrumar pastas requer trabalho físico. Observar o *mood* pessoal na hora de realizar as tarefas mantém a motivação no trabalho e a otimização dos resultados.

7. Paraperceptibilidade. Observar o extrafísico é essencial. A leitura é fulcro de evocações e oportunidades para o desenvolvimento parapsíquico baseado no *binômio assédio-interassistência*.

8. Persistência. Os resultados pessoais com a aplicação da *técnica do cosmograma* acontecem a longo prazo, assim, deve-se insistir, perseverar.

Trafares. Os trafares pessoais ressoam quando se lê sobre determinados assuntos. A inflexibilidade, o baixo nível de interassistência e outros traços podem dificultar a leitura sobre, por exemplo, assuntos anticosmoéticos e a série, aparentemente infundável e repetitiva, de *fatos feios e desagradáveis*.

Autopesquisa. Prestar atenção e registrar as reações emocionais durante a leitura e análise dos artigos é instrumento útil ao indicar temas de autopesquisa objetivando as reciclagens intraconscenciais, a autossuperação de trafares e o *upgrade* do nível de interassistência pessoal.

Teática. Para a autora, a motivação para manter o continuísmo na aplicação assídua da técnica, ao longo de mais de 1 década, foi a constatação dos resultados pessoais gradualmente auferidos, em 9 campos principais, listados a seguir em ordem alfabética.

1. **Autoconsciencialidade:** autoconhecimento; amadurecimento consciencial.
2. **Autorganização:** mental; ambiente de trabalho.
3. **Escritório Pessoal:** biblioteca; hemeroteca; bancos de dados no computador.
4. **Cultura:** ampliação do número de linhas de conhecimento de interesse.
5. **Docência:** Fatuística para exemplificar os temas abordados.
6. **Interassistencialidade:** empatia; percepção parapsíquica; base de assistidos.
7. **Mentalsoma:** dicionário cerebral; qualidade da associação de ideias.
8. **Pesquisa:** *expertise*.
9. **Poliglotismo:** proficiência em diversas línguas.

TÉCNICA DA ANÁLISE-SÍNTESE APLICADA À ESCRITA

Definição. A *técnica da análise-síntese aplicada à escrita* (TASE) consiste na leitura e análise de 1 ou mais artigos ou matérias sobre mesma ocorrência seguida de escrita de pequeno texto síntese sobre o assunto.

Objetivo. A TASE visa desenvolver a habilidade de captar e expressar o materpensene do(s) texto(s) lido(s), exercitando assim a autocriticidade, a associação de ideias, a capacidade de síntese (priorização e sequência) e a escrita retilínea. É eficiente ferramenta antidispersiva e de fixação da memória, atuando complementarmente à *técnica do cosmograma* para o desenvolvimento mentalsomático cosmovisiológico.

Pesquisa. A Internet traz atualmente infinitas possibilidades de pesquisa gratuita sobre qualquer tema. Estão disponíveis centenas de bibliotecas virtuais e de jornais *online*, milhares de artigos e blogues e milhões de informações postadas nas redes sociais. É a era da fartura informacional.

Interpretação. Dentro da profusão de informações, saber escolher a leitura, interpretar os fatos, levantar hipóteses e posicionar-se, é fundamental para debater, esclarecer e gerar neoverbons.

Escrita. A escrita é a forma mais avançada de comunicação do pré-serenão. Viabiliza a difusão das ideias ao maior número de pessoas, servindo inclusive qual cápsula do tempo para o próprio autor. Ao promover o exercício rotineiro da escrita de pequenos textos, a *técnica da análise-síntese aplicada à escrita*, baseada no autodiscernimento, autocrítica, cosmovisão e exposição de ideias de maneira retilínea, atua com eficiência no desenvolvimento da capacidade da boa comunicação escrita do autor.

METODOLOGIA AUTODIDATA COSMOVISIOLÓGICA, CASE CONTINENTE AFRICANO.

Motivo. O desenvolvimento da *metodologia autodidata cosmovisiológica* apresentada nesta seção visou atender ao desafio autoimposto de adquirir conhecimentos sobre o Continente Africano, a partir do reconhecimento de compromisso proexológico nesta região.

Cosmograma. Após este reconhecimento, em 2013, a autora associou-se à INTERCONS e começou a leitura de livros e a coleta de informações sobre a África utilizando a *técnica do cosmograma*.

Facebook. A partir de outubro de 2013 o voluntariado na INTERCONS envolveu a implantação da *fan page* da instituição no *Facebook* (<https://www.facebook.com/intercons>). O matersene da INTERCONS são as atividades de intercâmbio conscienciológico no mundo, mas o foco principal, nesse momento específico, é o Continente Africano.

Metodologia. A demanda da rede social pela introdução frequente de matérias, alinhou-se à rotina pessoal diária de leitura de jornais da *técnica do cosmograma*. Desta maneira, ocorreu a aplicação da TASE sobre as matérias relacionadas à África e a publicação no *Facebook* dos resultados de pesquisa, difundindo assim o conhecimento para outras pessoas interessadas no tema, em especial, intermissivistas comprometidos com o trabalho nesse continente.

Post. A título de exemplo, eis 16 matérias *postadas* no *Facebook* da INTERCONS em ordem cronológica da data de publicação:

01. 23/10/2013. [Satyagra House é] uma das casas onde Gandhi viveu na África do Sul (1908-1909), localizada nos arredores de Johannesburgo. A casa chamada The Kraal, foi projetada pelo arquiteto e amigo Herman Kallenbach. Atualmente é um museu e guesthouse. Foto: Giuliana Costa. Detalhes em: <http://www.satyagrahouse.com/en/Museum-Johannesburg-exhibit>.

02. 26/10/2013. COSMOGRAMA (Ramos, Iseu; <http://iseu-tribos.blogspot.com.br/2011/05/as-9-etnias-da-africa.html?m=1>). Rápida descrição e imagens da principais tribos da África do Sul.

03. 14/11/2013. ANTICONFLITOLOGIA (AlJazeera; *African intellectuals ponder peace prospects*; disponível em <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/11/african-intellectuals-ponder-peace-prospects-201311842345894374.html>). O Congresso “*Dynamics of conflict, promises of renaissance*” reuniu intelectuais africanos em Dohas, de 1-3 de Novembro, para discutirem as dificuldades para o estabelecimento da Paz no continente.

04. 02/01/2014. FESTA (POR DENTRO DA ÁFRICA; Ghat Festival: O Encontro dos Tuaregues no Norte da África; disponível em <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ghat-festival-o-encontro-dos-tuaregues-no-norte-da-africa>; 01/01/2014). Confira as fotos do festival de fim-de-ano dos tuaregues que acontece há 19 anos na cidade de Ghat, sudoeste da Líbia.

05. 15/01/2014. COMUNICOLOGIA (CHRISTIE, Jackie; *Speaking the same Language?*; BBC; disponível em <http://www.bbc.co.uk/blogs/bbcmmediaaction/posts/Speaking-the-same-language-13/12/2013>). A produtora do programa de rádio ‘Sema Kenya’ (O Quênia Fala) conta as dificuldades que encontrou ao convidar participantes para o programa comemorativo dos 50 anos de independência do país. Os convidados nem sempre se sentiam confiantes já que o programa é em kiswahili. Apesar dos quenianos aprenderem kiswahili na escola, apenas 40 % domina o idioma. A maioria fala um mínimo de 3 línguas: a língua natal, o kiswahili e o inglês, que é a língua franca para negócios.

06. 21/01/2014. GOLPES (BBC; *Judge raises Nigeria Baby Selling Scam concerns*; disponível em <http://www.bbc.co.uk/news/uk-england-london-20082389>; 25/10/2012). São muitos os golpes na África. Os mais conhecidos são os ‘scams’ financeiros da Nigéria via email. Esta notícia, também na Nigéria, mostra esquema para enganar pais desesperados por filhos. Comuns também são os golpes românticos, voltados principalmente para idosos e idosas, aplicados no ‘Facebook’ e sites de namoro a partir de perfis forjados.

07. 18/02/2014. EVOLUCIOLOGIA (BAIMA, Cesar; *Todos Juntos e Misturados*; O Globo; disponível em <http://oglobo.globo.com/ciencia/historia/todos-juntos-misturados-11612438> ; 15/02/2014). Pesquisadores de Oxford, *University College of London* e Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária geram atlas genético da história humana de miscigenação (v. <http://admixture-map.paintmychromosomes.com/>).

08. 01/03/2014. EXPOSIÇÕES (MUSÉE NATIONAL DE LA MARINE; *Le Voyage de l’Obélisque : Louxor / Paris* (1829-1836); disponível em <http://www.musee-marine.fr/le-voyage-de-lobelisque-louxor-paris-1829-1836>; acesso em 01/03/2014). De 12 de fevereiro a 6 de julho de 2014, no Palais de Chaillot, Trocadéro, Paris, a exposição ‘Le Voyage de l’Obélisque’ reconta a história do transporte e erguimento do obelisco de Luxor (edificado no reino do Faraó Ramsés II e doado à França pelo vice rei do Egito em 1830). O obelisco, que simbolizava um raio de sol petrificado - o ponto de contato entre o mundo dos deuses e dos humanos - foi utilizado pelo Rei Luis Felipe para reurbanizar o local da guilhotina, na antiga Praça da Revolução, renomeada Praça da Concórdia.

09. 12/03/2014. CONSRÉU (Le POINT, Afrique; Rwanda : Simbikangwa ou la “Banalité du Mal”; disponível em http://www.lepoint.fr/monde/rwanda-simbikangwa-ou-la-banalite-du-mal-14-02-2014-1791800_24.php; 14/02/2014; Foto: AFP). Segue em Paris o julgamento do ex-premiê Pascal Simbikangwa por cúmplice no genocídio em Ruanda em 1994. Parecer de psiquiatra o compara a Eichmann e a ‘banalidade do mal’ definida por Hannah Arendt no julgamento de Nuremberg.

10. 16/03/2014. CAÇA (BELL, Alex; *Global Protesters call on SA to Ban Canned Lion Hunting*; SW RADIO AFRICA; disponível em <http://www.swradioafrica.com/2014/03/14/global-protesters-call-on-sa-to-ban-canned-lion-hunting/>; 14/03/2014). ‘March for Lions’ é o nome do movimento de protesto em frente às embaixadas da África do Sul em 60 cidades no dia 15/03. Denuncia a prática do comércio “enlatado” da caça aos leões (CACH) em que os animais são criados para serem vistos e acariciados pelos turistas enquanto bebês e posteriormente, já adultos, são transformados em troféus de caça.

11. 05/04/2014. TRATADOS: PAZ (ARAB, Sameh M.; *Egypt: Ramses the Great, The Pharaoh Who Made Peace with his Enemies and the First Peace Treaty in History*; TOUREGYPT; disponível em <http://www.touregypt.net/featurestories/treaty.htm>; acesso em 05/04/2014). O primeiro tratado de paz da humanidade já envolvia o Oriente Médio. O tratado de Jadesh foi assinado entre Ramsés II (talvez o maior faraó, que governou 67 anos) e Hatusil III (rei dos hititas) c.a.1259 a.e.c. Foi possível através da paz entre Rá e Teshub (os deuses dos 2 povos).

12. 23/05/2014. SINCRONICIDADES (MORGAN, Joe; *Africa elects First Gay Black MP*; GAYSTARSNEWS; disponível em <http://www.gaystarnews.com/article/africa-elects-first-gay-black-mp220514>; 22/05/2014). Zakhele Mbhele, o 1º parlamentar negro, assumidamente gay, da África do Sul, toma posse na Assembleia Nacional, no dia 22/05, data em que se comemora na Califórnia o ‘Harvey Milk Day’, uma homenagem a Harvey Bernard Milk (Maio 22, 1930 – Novembro 27, 1978) o 1º político americano, assumidamente gay, a ser eleito para um cargo público (1977, San Francisco Board of Supervisors). Harvey foi assassinado 11 meses depois.

13. 30/05/2014. ONOMÁSTICA (INDABA; *ABC of Xhosa Names*; disponível em <http://www.designindaba.com/news/abc-xhosa-names>; 23/05/2014). Artista gráfica Thandiwe Tshabalala apresenta o significado de diversos nomes Xhosa (ex. Amandla, Buntu, Chwayita, Daluxolo, Elethu, Fikile...), que surgiram ao final do ‘apartheid’ quando os pais não precisaram mais dar nomes ingleses para seus filhos (ex. Knowledge, Margaret, Mavis, Innocentia, Innocent, Jeffrey, Gloria...).

14. 04/06/2014. ESCAMBO (PATINTIN, Jason; *In Mombasa, Africa’s First ‘Alternative Currency’ helps Kenyans fight Poverty*; disponível em <http://www.csmonitor.com/World/Africa/2014/0603/In-Mombasa-Africa-s-first-alternative-currency-helps-Kenyans-fight-poverty>; 03/06/2014; Foto: <http://koru.or.ke/bangla-pesa-launch>). Em maio de 2013, economista americano Will Ruddick lançou a moeda informal ‘Bangla-Pesa’ na favela ‘Bangladesh’ (20 mil pessoas) próxima a Mombasa, Quênia, estimulando o comércio entre moradores.

15. 02/07/2014. CÓDIGO GRUPAL DE COSMOÉTICA (GLOBO; Petição pede para Facebook excluir Perfil de Caçadora de Animais na África; disponível em <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/07/peticao-pede-para-facebook-excluir-perfil-de-cacadora-de-animais-na-africa.html> ; 01/07/2104). Petição com mais de 44 mil assinaturas pede para o Facebook remover o perfil de Kendall Jones, 19 anos, que postou fotos ao lado de leões, zebras, onças e outros animais abatidos por ela em suas caçadas pelo Zimbábue, na África.

16. 10/07/2014. TURISMO (SPOONER, Samantha; *10 World Heritage Sites in Africa...which you’ve probably never heard of*; disponível em <http://mgafrica.com/article/2014-07-06-10-world-heritage-sites-in-africawhich-youve-probably-never-heard-of/#.U7p9TI1dW-V> ; 06/07/2014; Foto: Earth Touch, Flickr). A África possui 129 locais entre os 1000 considerados patrimônios Mundiais pela UNESCO. Este artigo descreve 10 desses locais: 01. Tassili n’Ajjer: Argélia; 02. Dja Faunal Reserve: Camarões; 03. Tiya: Etiópia; 04. Royal Hill of Ambohimanga: Madagascar; 05. Tomb of Askia: Mali; 06. Banc d’Arguin National Park: Maurítânia; 07. Air and Ténéré Natural Reserves: Níger; 08. Vredfort Dome: South Africa; 09. Archaeological Sites of the Island of Meroe: Egypt; 10. Koutammakou, Land of the Batammariba: Benin.

Considerações. Eis 10 considerações relevantes quanto às publicações no *Facebook*, apresentadas em ordem lógica:

1. Produção. Em 9 meses de trabalho, foram publicadas mais de 800 matérias, classificadas sob mais de 240 temas, dos quais 116 (Anexo 1) tem mais de 1 matéria. As fontes de pesquisa citadas incluíram 234 sites diferentes (Anexo 2).

2. Confor. O *confor* de apresentação dos fatos foi estabelecido gradualmente, a partir da ideia inicial de associar as postagens com as leituras de jornais. O fichamento do cosmograma foi simplificado tendo em vista a volatilidade da atenção dos usuários das redes sociais e as limitações de estilos de fonte.

3. Links. Priorizou-se a inclusão de matérias com *links* para disponibilizar ao leitor o acesso às fontes de pesquisa.

4. Diversidade. Para buscar a isenção quanto à compreensão dos fatos buscou-se a diversidade de fontes da mídia e o confronto das versões publicadas, por exemplo, pela BBC, RFI, Al Jazeera, a imprensa portuguesa e a imprensa africana nos vieses: partido no poder, partido de oposição.

5. Idiomas. Além dos idiomas estrangeiros já conhecidos – Inglês e Espanhol – houve a necessidade de investir na fluência do Francês, para acessar a mídia da França, ex-colonizadora, ainda mantendo forte presença comercial e política no norte da África.

6. Sinalética. A sinalética energética parapsíquica foi observada na escolha da matéria a publicar e o aprofundamento de temas específicos.

7. Fluxo. Seguiu-se nessas ocasiões a abertura de ‘caminho mentalsomático avançado de pesquisa.’ A associação de ideias levava à escolha rápida, em sucessão, de *links*, com informações importantes para a montagem do quebra-cabeças fatológico.

8. Banco de Dados. Mesmo quando não publicadas, as informações levantadas foram armazenadas, gerando banco de dados pessoal de *sites*, personalidades, eventos históricos, por exemplo, para posterior pesquisa.

9. Princípio. O *princípio dos fatos e parafatos orientarem a pesquisa*, de fato, estabeleceu o norte da metodologia.

10. Tenepes. A regularidade das evocações à África acarretou mudança no padrão da tenepes. A hipótese é da leitura direcionada de jornais, *online*, diária, equivaler à ‘segurar o touro pelos chifres’ quanto à tenepes.

Planilha. Para administrar tal quantidade de fatos, envolvendo tantos temas, países, personalidades e momentos históricos, foi criada planilha de acompanhamento das matérias *postadas* (data-matéria), qual instrumento antidispersão.

Ciclo. A partir do entrecruzamento das matérias da planilha tornou-se possível iniciar novo *ciclo de análise-síntese*, 1 nível acima, de associação de ideias, consolidação e fixação de resultados. Por outro lado, a visão de conjunto indicou lacunas a suprir e novos temas a pesquisar.

Curso. Os resultados do *ciclo análise-síntese*, 1 nível acima, são a base do curso *África em Cosmograma*, em desenvolvimento pela a autora.

Autoconfirmação. Para a autora, a verbação metodológica do *case* Continente Africano autoconfirmou a proposta de a aplicação recursiva e sistemática do *ciclo de análise-síntese* levar ao desenvolvimento da visão cosmovisiológica e à produção de gescon.

Megagescons. Exemplos de megagescons cosmovisiológicas empregando a *técnica do cosmograma* são as obras de Vieira, *Homo sapiens reurbanisatus* e *Homo sapiens pacificus*.

CONCLUSÕES.

Parapsiquismo. Técnicas mentaissomáticas predis põem o acoplamento com equipex dedicada ao desenvolvimento mentalsomático das conscins levando ao desenvolvimento da sinalética energética parapsíquica, *insights* parapsíquicos, percepção das sincronicidades, entrada em trilha cognitiva avançada, *upgrade* no nível de interassistencialidade e avanço da tenepes.

Gescon. A Metodologia Autodidata Cosmovisiológica viabilizou a apreensão de conhecimento em área lacunada e a consolidação do mesmo pela escrita sistemática de sínteses, abrindo caminho para a produção de escrita no *crecendo post-artigo-livro*.

O EXERCÍCIO DA ARTICULAÇÃO INTELECTUAL NO CICLO ININTERRUPTO LEITURA-ANÁLISE-SÍNTESE-ESCRITA-ARQUIVO, BASE DA METODOLOGIA AUTODIDATA COSMOVISIOLÓGICA, PRESDISPÕE À RUPTURA DA FRENTE MENTALSOMÁTICA, PRÉ-REQUISITO DO PARAPSIQUISMO AVANÇADO.

Referências Bibliográficas:

01. **Arakaki, Kátia; *Holociclo: Laboratório do Desassédio Mentalsomático***; Artigo; *I Jornada da Despertologia*; Foz do Iguaçu, PR; 15-17.07.05; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 8; N. 2; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 1 E-mail; 21 enus.; 2 notas; 5 refs.; 1 anexo; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; Abril-Junho, 2004; páginas 63 a 77.

02. **Bonassi, Luiz; *Oficina do Cosmograma***; apostila; rev. Sandra Tornieri; 40 págs.; 3 caps.; 5 anxs.; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2007.

03. **Bello, Amy; & Presotto, Bartira; *Dinâmica Mentalsomática Parapsíquica pela Técnica do Cosmograma***; Artigo; *III Jornada de Parapercepcologia & I Fórum de Pesquisas das Dinâmicas Parapsíquicas*; Foz do Iguaçu, PR; 16-18.07.10; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Ed. Especial; Vol. 13; N. 4; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 2 E-mails; 13 enus.; 5 planilhas; 1 relatório de participantes e visitantes; 1 relatório de registro da dinâmica; 3 relatórios de estatísticas de recortes; 1 resultado da pesquisa por questionário de avaliação; 3 tabs.; 4 refs.; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; Outubro-dezembro, 2009; páginas 274 a 290.

04. **Reginato, Romeu; *A Atenção na Técnica do Cosmograma***; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 11; N. 1; Seção: *Temas da Conscienciologia*; 1 E-mail; 17 enus.; 6 refs.; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; Janeiro-Março, 2007; páginas 39 a 47.

05. **Tornieri, Sandra; *Apostila do Curso Formação de Autores – Módulo IV***; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2008; páginas 22 a 28.

06. **Vieira, Waldo; *Atenção Dividida; Ato Mentalsomático; Avanço Mentalsomático; Banco de Dados; Coesão Textual; Cosmovisão Humana; Cosmovisiólogo; Curiosidade Pesquisística; Desembaraço Intelectual; Fonte Cognitiva; Heterocritofilia Intelectual; Interação Análise-Síntese; Leitura Correta; Magnificação Mentalsomática; Mundividência; Nutrição Informacional; Omnileitura; Picotagem da Ideias; Pré-Cosmovisão; Princípio Organizador dos Saberes; Prioridade da Escrita; Suporte Mnemônico; & Taxologia do Conhecimento***; In: **Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia Digital***; 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª Ed. Digital; Versão 8.00; *Associação Internacional Editares; & Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 1.065 a 1069, 1.124 a 1126, 2.149 a 2151, 2.207 a 2211, 2.866 a 2869, 3.604 a 3606, 3.610 a 3614, 3.775 a 3.777, 3.934 a 3.936, 5.235 a 5.238, 5.515 a 5.518, 6.162 a 6.164, 6.522 a 6.523, 6.735 a 6.737, 7.411 a 7.414, 7.615 a 7.617, 7.702 a 7.705, 8.445 a 8.447, 8.663 a 8.666, 8.843 a 8.846, 8.851 a 8.854, 10.184 a 10.187 e 10.829 a 10.293.

07. **Idem; *Cosmogram Technique***; Artigo; *Journal of Conscientiology*; Revista; Trimestral; Vol. 1; N. 1; 55 citações; 44 enus.; 4 estatísticas; 3 refs.; *International Academy of Consciousness (IAC)*; Miami, FL; USA; July, 1998; páginas 3 a 35.

08. **Idem; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia***; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 blog; 21 E-mails; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 18 fotos; glos. 650 termos; 19 websites; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 374 a 376.

09. **Idem; *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia***; org. Lourdes Pinheiro; revisores Ernani Brito; *et al.*; 1.072 p.; 1 *blog*; 21 *E-mails*; 4.053 enus.; 1 *facebook*; 2 fotos; glos. 2.019 termos; 14.100 (termos neológicos); 1 listagem de neologismos; 1 microbiografia; 21 *websites*; 61 refs.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2014; página 295.

10. **Idem; *Homo sapiens pacificus***; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 413 caps.; 403 abrevs.; 38 *E-mails*; 434 enus.; 484 estrangeirismos; 1 foto; 37 ilus.; 168 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 36 tabs.; 15 *websites*; glos. 241 termos; 25 pinacografias; 103 musicografias; 24 discografias; 20 cenografias; 240 filmes; 9.625 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2007; páginas 1.064-1.466.

11. **Idem; *Homo sapiens reurbanisatus***; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 479 caps.; 139 abrevs.; 12 *E-mails*; 597 enus.; 413 estrangeirismos; 1 foto; 40 ilus.; 1 microbiografia; 25 tabs.; 4 *websites*; glos. 241 termos; 3 infográficos; 102 filmes; 7.665 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2004; páginas 1.123-1.451.

12. **Idem; *Técnica do Cosmograma***; Artigo; *Boletins da Conscienciologia*; Vol. 2; N.1; Anuário; 1 *E-mail*; 33 enus.; 3 refs.; *Centro de Altos Estudos da Consciência* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Janeiro-Dezembro, 2000; páginas 33 a 52.



ANEXO 1 – PRINCIPAIS TEMAS CLASSIFICADOS

01. África
02. Agricultura
03. Água
04. Antagonismologia
05. Anticonflitologia
06. Antisubumanidade
07. Arqueologia
08. Assistencialidade/assistenciologia
09. Assistencialismo
10. Autorado
11. Autoritarismo
12. Aviação
13. Belicismo
14. Bibliografia
15. Biblioteca
16. Biografias
17. Blocos econômicos
18. Boicote
19. Caça/caçada
20. Cartografia
21. Censura
22. Cidades
23. Cinematografia
24. Comércio
25. Comunicologia
26. Conferências
27. Conflitologia

28. Cooperação
29. Corrupciologia
30. Cosmograma
31. Criatividade
32. Criminologia
33. Cronologias
34. Cultura/culturologia
35. Democracia
36. Desconfiança
37. Desporto/esporte
38. Diplomacia
39. Ditadores/ditadura
40. Doação
41. Economia
42. Educação
43. Efeitologia
44. Elencologia
45. Empreendedorismo
46. Empresariado/ empresário
47. Empresas
48. Epidemia
49. Escravatura
50. Evoluciologia
51. Exibições/exposições
52. Fauna
53. Festa
54. Filatelia
55. Filmografia
56. Fome
57. Fotografia

58. Gemelidade
59. Genocídio
60. Geopolítica
61. Ginossomática
62. Grupos
63. Heurística
64. História/historiologia
65. Homofobia
66. Homossexualismo
67. Imigrantes/migrantes
68. Interassistencialidade/interassistenciologia
69. Intercâmbio
70. Internet
71. Investimentos
72. Irracionalidades
73. Irracionalidade religiosa
74. Islã/islamismo
75. Justiça
76. Liderança/líderes
77. Livro
78. Mediação
79. Modismos
80. Moedas
81. Monarquia
82. Museologia
83. Música
84. Negócios
85. Nosologia
86. Operações
87. Países
88. Palestra

89. Paradoxo/paradoxologia
90. Pareceria
91. Pena dmorte
92. Personalidade
93. Poder
94. Poligamia
95. Politicologia
96. Programas
97. Projeto
98. Protesto
99. Publicações
100. Racismo
101. Reconciliação
102. Repressão
103. Saude
104. Sequestro
105. Surpreendência
106. Terrorismo
107. Teste
108. The independent
109. Trabalho
110. Tradições
111. Transporte
112. Tratados
113. Turismo
114. Vacina
115. Violência
116. Voluntariado
117. Zooconvivialidade

ANEXO 2 – FONTES DE PESQUISA

01. A bola
02. A folha sp
03. About
04. Access gambia
05. Afreaka
06. Africa 21 digital
07. African arguments
08. African horizons
09. African manager
10. African union
11. Africasacountry
12. Agência de notícias brasil-árabe
13. Al jazeera
14. All africa
15. Alternet
16. Amazon
17. Anda
18. Angonoticias
19. Apartheid museum
20. Bahia noticias
21. Bbc
22. Bbc brasil
23. Biblioteca nacional de portugal
24. Biblioteca virtual de ciências humanas
25. Blackpast
26. Blogueiras negras

27. Boutique.Arte
28. Brasilturis
29. Brazilafrica
30. Brookings
31. Burtoniana
32. Business day
33. Cahier d'études africaines
34. Carrington
35. Catho
36. Catraca livre
37. Ceeac
38. Channel 4
39. China radio international
40. Christian post
41. Círculo angolano intelectual
42. Cnbc africa
43. Cnn
44. Common dreams
45. Conversa de historiadoras
46. Correio
47. Correio 24 horas
48. Correio do povo
49. Correo do brasil
50. Csmonitor
51. Cultura ponto a ponto
52. Daily mail
53. Daily nation
54. Death penalty worlwide
55. Design indaba
56. Destak

57. Dezeen
58. Diario de noticias globo
59. Diario de s paulo
60. Diario digital
61. Dominio público
62. Drum connection
63. Ecowas news today
64. El mostrador
65. El pais brasil
66. Espresso and stroopwafel
67. Euronews
68. Exame
69. Expresso
70. Fao
71. Fatima missionaria
72. Fernando nhantumbo
73. Forbes
74. France 24
75. Freeworld publications
76. Funag (fundação alexandre de gusmão)
77. Gallery ezakwantu
78. Gaystarnews
79. Getaway
80. Ggn
81. Ghanaweb
82. Gi natureza
83. Girafamania
84. Gizmodo
85. Global post
86. Globo esporte
87. Goal

88. Growth business
89. Herdeiro de aecio
90. Histoire pout tous
91. Historiageografiayfilatelia
92. How we made in africa
93. Huffington post
94. Ibram
95. Imagens de marca
96. Imo
97. Infonet
98. Instituto ciência hoje
99. International business times
100. Isto e
101. Itapeva times
102. Jeune afrique
103. Jornal a cidade
104. Jornal cana
105. Jornal de negocios
106. Jornal digital
107. Jornal do brasil
108. Jornal st
109. Jornalismo porto net
110. La presse
111. Le figaro
112. Le monde
113. Le monde diplomatique
114. Le point
115. Legal.Un
116. Livenews
117. Local
118. Luanda digital

119. Lusa
120. Lusomonitor
121. Mail&guardian
122. Maka angola
123. Maps of world
124. Mercado e eventos
125. Metropolitan museum of art
126. Mirror news
127. Mmaspace
128. Monitor mercantil
129. Mr horton's class
130. Musée national de la marine
131. National geographic
132. National museum of african art
133. New era
134. New vision
135. News watch
136. Noticias ao minuto
137. Noticias r7
138. Ny times
139. O dia
140. O estado de s.Paulo
141. O globo
142. O mirante
143. O pais
144. Povo
145. Ocean sole foundation
146. Ozy
147. Papermag
148. Por dentro da africa
149. Portal anglop

150. Portal brasil
151. Portal da propaganda
152. Portal guandu
153. Portugal digital
154. Portugal gay
155. Public radio international
156. Público
157. Qantara
158. R7 noticias
159. Radio ergo
160. Radio onu
161. Rede angola
162. Reuters
163. Reuters brasil
164. Revista afro
165. Revista oásis
166. Revista pesquisa fapesp
167. Revista sankofa
168. Rfi
169. Ricardo stumpf
170. Rimes live
171. Roberto pascoal
172. Roger ebert
173. Royal african society
174. Rtp
175. Sahara reporters
176. Sahel sounds
177. Sangonet
178. Sanparks
179. Sapo
180. Satyagrahouse

181. Screen africa
182. Sfgate
183. Showme
184. Smithsonian
185. South african history online
186. Sw radio africa
187. Tc daily planet
188. Tecmundo
189. Ted
190. Tedxeuston
191. Terra
192. Terra magazine
193. The africa report
194. The comment factory
195. The daily telegraph
196. The economist
197. The guardian
198. The long riders guild
199. The national
200. The red phoenix
201. The south african
202. The straits times
203. The telegraph
204. The verge
205. The wall street journal
206. This is africa
207. Times live
208. Top documentary films
209. Touregypt
210. Transparency international

211. Tribuna da bahia
212. Tribuna do norte
213. Tv124
214. Tv2 rtp
215. Udcp conflict encyclopedia
216. Uneca
217. Unesco
218. Unmultimedia
219. Usa today
220. Usaid
221. Veja
222. Ventureburn
223. Verdade
224. Vermelho
225. Voice of america
226. Voz da russia
227. Washington post
228. Washington times
229. Wikipedia
230. World news report
231. World time
232. Yale.Edu
233. Youtube
234. Zulu



Foto: Malu Lindemann, 2014.

ENTREVISTA COM MALU LINDEMANN

Entrevistadora: Giuliana Costa

Duas histórias pessoais de vivências africanas: Dar-es-Salaam, Tanzânia e Marrakech, Marrocos.

I. Introdução e minicurrículo

Meu nome é Maria Lucia Lindemann, Malu, sou brasileira de origem, nasci em Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, em 2 de março de 1967. Uma grande atração por viagens e pela língua francesa marcou, para resumir, meus anos de adolescência e jovem adulta. Estudei engenharia química na UFRJ mas, sem me projetar nessa carreira, resolvi “parar para pensar” aceitando um emprego numa empresa francesa de despoluição de rios (bacia do Rio Doce e Paraíba do Sul) em 1991. Dentre diversas experiências nessa empresa, uma série de sincronidades me fizeram encontrar o homem que seria meu marido, em 93. Sou casada há 21 anos e temos dois filhos: Thais de 18 e Thomas de 16. Vivemos também em Bordeaux, na França, onde me graduei em francês na Université Michel Montaigne III e fiz a Escola de Belas Artes de Bordeaux; em Lisboa, Portugal e em Madrid, na Espanha, onde moramos atualmente. Além das responsabilidades familiares aqui e no Brasil, dedico-me diariamente às tertúlias conscienciológicas *online* e às autopesquisas decorrentes e finalmente, ao estudo da língua espanhola para tentar uma vaga na universidade pública para estudar Psicologia.

II. Entrevista

1. Dar-es-Salaam, Tanzânia (fevereiro 1994 a abril 1996)

Me lembro-me dos meus familiares e amigos dizendo, brincando, que eu tinha sido enganada, pensando que ia viver em Paris! A verdade é que foi uma experiência excepcional. Revalorizamos aquilo que facilmente se banaliza. Percebi que minha vida seria não somente fora do Brasil como em diversos outros países e que certa responsabilidade estaria nas minhas mãos. Não pesei mais consequências, a proposta me atraía. Assim foi. Nosso primeiro posto (diretor de uma Multinacional responsável por controle de qualidade de exportações e importações): Dar es Salaam, capital da Tanzânia.

Chegamos em Dar em fevereiro de 1994. Nessa altura a situação sócio-política da região não era nada boa. Essa tensão devia-se a problemas ligados aos refugiados de conflitos antigos entre fronteiras (Burundi, Rwanda, Tanzânia e Quênia), tema recorrente em vários países da África (rivalidades entre etnias hutus (maioria) x tutsis (minoría)).

Não estou certa de se poder falar de choque cultural imediato. Quanto ao primeiro impacto visual, para um brasileiro de classe média que tenha viajado por regiões mais desfavorecidas no próprio país, poderia se ver sem maiores traumas naquela paisagem. Além disso, éramos jovens e curiosos e tudo novo parecia, interessantemente desafiador. Mas a verdade é que a maneira de funcionar dos africanos e daquela sociedade ainda tribal logo impôs suas diretrizes.

Pôr a casa em funcionamento levou um certo tempo. Não havia televisão, nem internet (não existia ainda), raramente havia telefone, água e luz. Essas coisas que, até então, não tomam mais que alguns minutos para serem resolvidas. A água, cor de barro, vinha num carro pipa. Já havia encontrado minha primeira atividade! Tínhamos um gerador de eletricidade à diesel que funcionava quase toda a semana. Com o tempo, o barulho daquela máquina se confundiu com o canto dos autofalantes das mesquitas anunciando a hora do profeta. Isso era uma verdadeira invasão de domicílio. Infelizmente não tínhamos escolha. Meu impulso foi não aprofundar mais naquele tema e passar para próxima página. Dessa forma, aquela cantoria diária fazia parte do pano de fundo. Afinal, éramos ali “convidados” e como diz o outro, “os incomodados que se retirem”. De fato essa seria, com o tempo, uma boa divisa! Foi uma das minhas primeiras revalorizações: a liberdade religiosa e ideológica existente no Brasil, ainda que de “rabo de olho”.

O sistema telefônico funcionava por *call back*. Chamávamos um número que nos chamava de volta com uma linha livre. Tudo seria formidável se eles chamassem de volta. No entanto, isso acontecia bem raramente. O fax era então a melhor opção e o adotamos, felizes da vida.

Uma vez a casa em funcionamento, pude me dedicar ao estudo do swahili, inglês e francês. Percebi que havia muitas mulheres na minha posição, estavam ali para acompanhar seus maridos, estes com contratos de expatriados. Recorrente eram as separações e os divórcios depois de certo tempo. Podemos imaginar as razões. A criatividade era sem dúvida *la monnaie d'échange* (a moeda de troca) antitédio. Uma atividade inusitada acabou surgindo com o tempo. Uma certa mulher, de origem Belga, munida de um *savoir faire* de costureira, possuidora de contatos com costureiros do Zaire (povo bem conhecido pelo talento com tecidos) e com importadora de tecidos indianos e ingleses, criou uma grife e me convidou para ajudar. Conseguíamos o material vindo da Índia, da Inglaterra e do Egito. Outras pessoas vieram participar e criamos momentos de bastante integração, inclusive com artigos na mídia. Ainda que tenha durado pouco tempo trouxe a todas e todos boas idéias para prosseguir.

A cidade de Dar era bem caótica e suja. Na verdade, não me espantava tanto, visto meu próprio país! Para compensar, os tanzanos eram simpáticos e prestativos. Bastava notar que precisávamos de algo que chegavam sem maiores dificuldades de comunicação. Tinham um sorriso fácil e acolhedor. O tempo sempre podia esperar. Não encontrei ninguém correndo atrás do relógio. Muito pelo contrário. Estavam ali, inteiros naquele momento.

Não me pareceu tampouco que havia fome naquele país. A terra era fértil e se comia muita banana, milho, batata doce e carne de caça. O *ugali*, prato típico à base de farinha de milho, empanzinava o povo, sustentando o corpo para todo o dia. Devo dizer que a maioria dos nativos que trabalhava no centro de Dar, andava cerca de 3h por dia para chegar ao trabalho. Havia um ônibus que encurtava o trajeto, porém não dava para todos. As bicicletas eram também muito bem-vindas.

No centro, os indianos dominavam o comércio e os serviços, enquanto os africanos, os ambulantes e opcionais (assistentes nos portos, carregadores, seguranças, *office boys*, vendedores, empregados domésticos, etc.). Lembro-me de comer batatas doce na brasa elaboradas ali na calçada (se podemos chamar assim) numa lata com carvão em brasa (já vimos esse filme no Rio de Janeiro...). As garrafas de água mineral eram uma desafio. As tampas eram recondicionadas à mão e revendidas. Recomendavam-nos beber coca-cola se estivéssemos na rua. Com as grandes chuvas, muitas vezes era preciso decidir rápido: ou desistíamos à tempo do trajeto ou ficávamos ilhados. Os buracos secos, que até então passavam despercebidos, enchiam d'água e cresciam como magia! Isso sempre me chamou

atenção. Engoliam os carros mais pequenos e as margens das estradas. Estar ali era ser “pau para toda obra”. Lembro-me de amarrar nosso pequeno 4x4 a um *landcruiser* para ajudar a rebocá-lo pois escorregava sem controle numa encosta com toda a família dentro! Cada uma...

Então, tão rápido quanto mudo de parágrafo o país mergulhou numa grande calamidade. No dia 6 de Abril de 1994, o Presidente Juvenal Habyarimana do Rwanda e o Presidente Cyprien Ntaryamira do Burundi morreram num desastre de avião. Ironicamente os dois líderes regressavam de uma Conferência de Paz em Dar-es-Salaam, que tinha sido convocada para discutir a implementação de um plano de partilha do poder entre os dois países. Vale lembrar que os dois presidentes eram *Hutus*, etnia maioritária, 85% da população da Rwanda. Tropas leais ao presidente morto realizaram uma limpeza étnica extremamente violenta em represália. Bastava ser *Tutsi* para ter a sentença de morte decretada a golpes de facão. A questão dos refugiados de Rwanda aumentou ainda mais as tensões, mas a Tanzânia se recusou a participar dos conflitos armados. De maneira que os habitantes não sofreram diretamente ameaças bélicas. Hoje faz 20 anos do genocídio e a população luta para superar esse trauma. Do nosso lado, me perguntava o que exatamente fazíamos por ali.

A questão da segurança era realmente necessária. Nossa casa era guardada por um Makonde (população seminômade do norte da Tanzânia, criadores de gado e grandes guerreiros) chamado John. Seu foco era a defesa da casa e o fazia muito bem com seu arco e flecha. Com suas roupas vermelhas e seus múltiplos colares, dava ao cenário um toque teatral, quase antagonico. Paralelamente havia um serviço de segurança privada para todo o quarteirão. Amigos alemães tiveram a família inteira assassinada, pois tinham objetos e coisas que aticavam o desejo dos outros. Dessa maneira, nada mais usual, quando queriam algo, matavam quem bloqueasse e se serviam. Era tão básico quanto isso. Quanto mais simples a fachada, mais seguros vivíamos.

O instinto era sem dúvida o leme daqueles barcos. Viviam conforme os desejos mais febris. Às vezes, chegava na recepção da empresa onde trabalhava meu marido e não via mais a funcionária de ontem. Perguntava. Não era mais surpresa ouvir que a fulana morreu de aids, o beltrano de malária ou que o outro foi “transferido”. Viviam, um dia de cada vez, entre a morte de uns e outros sem grandes tabus. Um contraponto eficaz se abríssimos os olhos.

Na Tanzânia, de maneira geral, a religião islâmica, católica e judia conviviam em relativa tranquilidade. Pelo menos no período em que vivemos ali. Claro que, em se tratando da África, havia magia negra, vudu e outras prática anímicas. Nós, particularmente, não tivemos contato com esses costumes mais violentos. Convivemos sim com pessoas extremamente parapsíquicas que eram videntes e conversamos com grande naturalidade a respeito, até demais.

Nesse sentido, conhecemos uma família de fazendeiros de origem grega que há muitos anos viviam em Dar-es-Salaam. Eram 5 filhos. Uns sessenta e poucos anos tinha a mãe, que liderava tudo. A casa dela, pois vivia separada dos outros, era inteiramente decorada e mobiliada com troncos de madeira de todo tipo de árvores. Intrigante. Era clarividente. Bastava olhar para a gente e, com jeito, desvendava nossas vidas discorrendo sobre tudo que percebia com imagem e legenda. As coisas aconteciam como ela dizia. Umas, ali imediatamente, e outras 10 anos depois, quando nem mais morávamos na Tanzânia. Não era uma figura tranquila, era bastante ansiosa e irrequieta. Às vezes, se fechava em sua casa o dia todo e ninguém conseguia ouvi-la ou vê-la. Os filhos também eram sensitivos. Um, caçador profissional de leões, muito procurado, dizia que falava com os animais. O outro, um pouco esquizofrênico, trabalhava na fazenda. Uma vez, ouviu latidos de cães, se virou para nós e disse: – “vão

entrar na casa de vocês”. Assim, na lata! Alguns minutos depois, ao ouvir um latido distinto, corrigiu: – “Não. Será no vizinho de vocês”. E dito e feito. Não preciso contar os detalhes. Dá para engolir seco!

A solidariedade fazia parte da nossa rotina. Isso era bem especial. Nossas necessidades eram comuns e visivelmente claras para todos. A ação para o outro se tornava espontânea. Criamos ali bons amigos com os quais ainda guardamos forte ligação. Judeus, romênios, gregos, suíços, holandeses, colombianos, argentinos, cubanos, franceses e uma família de brasileiros cujos filhos estudavam na escola francesa. Como não havia restaurantes, nem cinemas, trocávamos almoços e jantares sempre regados a histórias das mais esdrúxulas contadas nas mais diversas línguas. Alguns eram nativos da Tanzânia, os africanos brancos; gregos-tanzanenses, eram caçadores profissionais. Outro, ainda rome-no-judeu, era de Arusha, cidade aos pés do Kilimandjaro. Era proprietário de uma mina de tanzanitas naquela região (pedra preciosa muito rara, típica da Tanzânia) e de vez em quando nos regalava com uns pedregulhos. Às quintas-feiras havia um programa diferente. Podíamos ver filmes ao ar livre (se não chovesse) *in the Marine’s House*. Havia *hamburgers* vindos diretamente dos EUA. Ali conhecíamos a situação política da região, novidades do mundo e conversávamos sobre tudo.

Os *safaris* (viagem em swahili) nos parques nacionais da Tanzânia como Serengeti, Lake Manyara, Selous e a beleza selvagem daqueles animais livres, as cores do pôr do sol na savana, os baobás gigantes, deixaram imagens indelévels nos nossos arquivos mentais. Na ocasião de um safari no parque Selous, à noite, durante o jantar, nos surpreendemos com a ausência de uma colega que descansava em sua tenda. Como estávamos todos muito cansados, comemos rapidamente e fomos dormir. No dia seguinte, ela nos contou que um hipopótamo escolheu a entrada da tenda dela para deitar, e ali ficou a noite toda.

Frequentemente, grupos iam escalar o Kilimandjaro e tentar chegar às suas “neves eternas” (hoje derretidas). O percurso era muito bem organizado, com carregadores de mantimentos e até cozinheiros especiais. Um pequeno desconforto respiratório costumava acontecer no meio do caminho, mas tinham todo o aparato necessário para remediar e o objetivo era alcançado na maioria das vezes. Os nativos sempre ali atentos e comunicativos. Para aqueles que falavam *swahili* traduziam as histórias mais singulares contadas pelos tanzanos.

Enfim, se tudo corresse bem, eram só boas recordações e aprendizados. Quando muito, um pânico para nos manter em alerta. No entanto, ainda que sentíssemos a África como um lugar sedutor e exuberante, havia uma mistura entre encantamento e “algo que não se podia confiar. Uma ameaça iminente. Era o que eu presentia o tempo todo. Não ficávamos “tranquilos”. Mais uma vez, para o carioca habituado a ter olhos nas costas, a tarefa não era nova.

Alguns problemas de saúde e acidentes de percurso preocuparam nossas vidas nesse período, mas foram bem solucionados graças à ajuda de médicos estrangeiros e amigos ali residentes. Nossa saída de Dar-es-Salaam se deu em meados de abril de 1996 em direção à Bordeaux, já com nossa filha Thais, com 3 meses de idade.

2. Marrakech, Marrocos, março de 2012

Para comemorar meu aniversário fomos passar 3 dias em Marrakech, aproveitando o gancho de uma reunião de trabalho do meu marido. Organizei minha bagagem principalmente com meu material de desenhos ao ar livre e meus livros. Um carnê de viagem de Marrocos e o estudo da história dali

poderiam ser boa pedida. Decidi que faria isso me infiltrando no meio daqueles artistas e comerciantes e observaria como eles eram, o que pensavam, como funcionavam. Fiquei entusiasmada, e foi o que fiz.

Instalei-me para tanto, na grande praça no central de Marrakech, mundialmente conhecida, *Jeema el Fna*. Ali onde ninguém dorme, tudo acontece e até as serpentes tem seu espaço de expressão.

Sentei-me num lugar mais isolado e desenhei a praça e toda aquela gente em movimento usando as cores de pigmentos locais (*souck*, mercado local) que havia comprado na véspera. Colei coisas (recortes de cartões postais e de papéis manuscritos em árabe, restos de tickets de avião, pedaços de mapas, grafismos recolhidos de folders, etc) enchendo algumas páginas. Decidi então que estava na hora de ousar um pouco mais e avancei no meio da multidão. Sentia-me bem.

Claro, fiquei atenta à reação dos muçulmanos, bem conhecidos por suas atitudes bruscas e machistas. Então, para facilitar minha penetração, sentei ao lado de uma dessas moças que pintam as mãos com henna natural através de uma seringa sem agulha, à maneira indiana. Muitas ganham a vida fazendo isso. Conversei com ela em francês, se chamava Fátima. Expliquei que também era artista e fazia *carnets de voyage*. E papo vem e vai. Mostrei os desenhos que havia feito e ela ficou entretida. Perguntava tudo. Estava encantada e eu com aquela nova situação.

De repente ela ficou séria e me perguntou quanto eu cobrava. Percebi que a coisa ali era fazer negócio. Expliquei que era um caderno de história de lugares onde estive, não era para vender. Segundo meu pedido, em vez de pintar minha mão, pintou numa página desse caderno. Na hora de pagar me pediu um dinheirão (500 dirhams, mais ou menos 40 euros). Não aceitei e fiquei brava. A conversa começou a esquentar e o que acalmou “os fachos” foi a questão de eu também ser artista e conhecer muito bem os altos e baixos financeiros, deveríamos ser solidárias. Pediu-me desculpas e ficamos amigas. Paguei 50 dirhams ela aceitou, sem reclamar. Disse-me que eu era pior que os *berbères* (etnia antiga do norte da África que foi muito próspera, famosos negociantes). Não sabia muito bem quem eram esses caras, mas fiquei na minha. O importante é que estávamos de acordo. Amigos da região já me haviam alertado em tomar cuidado com os valores pedidos ali na praça.

Achei que eu tinha conquistado mais alguma horas ali naquele *point* e continuei a desenhar.

De repente passa uma estrangeira, creio ser inglesa, fica olhando, conversa e me pergunta quanto era. Mais uma vez vi que a praça tem um efeito bom! Disse que os desenhos não estavam à venda. Me pediu que pensasse que voltaria depois. No mesmo instante, um vendedor de cinzeiros (vendia cada um a 10 dirhams e gritava em todas as línguas) viu a cena. Foi falar com um fulano apontando para mim, meio agitado. Aparentemente falava mal francês e o amigo traduzia tudo.

Continuei no meu papel de artista de praça, com certa apreensão. Vi que minha presença ali causou um certo reboliço. O tal do fulano se aproximou e praticamente me ordenou que mostrasse meus desenhos para eles. Mostrei calmamente mais uma vez todo meu caderno. Não sei o que me deu, talvez um certo medo de ficar em silêncio, e perguntei se ele conhecia o alfabeto. Para quê? Toquei no ponto fraco... O homem explodiu gritando com o amigo em árabe e não entendi nada.

Mais calmos, o amigo veio me dizer que tinha ficado nervoso porque dizia que esse negócio de alfabeto não servia para nada, era um grande porcaria, uma tolice, etc. Não concordei e mostrei uma outra página com caligrafias árabes feitas por um artista que tinha conhecido no dia anterior, na Fundação Omar Yussef. Completei dizendo que tinha pago 100 dirham para ele. Repeti que “não,

alfabeto não é inútil”. Naquele momento os dois amigos se entreolharam mudos. Logo repetiram “100 dirhams?” Senti minha pele em perigo. O vendedor de cinzeiros me ordenou, com tom de ameaça, que o ensinasse a fazer aquilo tudo. Expliquei que não era possível. Tinha levado 45 anos para chegar naquele ponto e que, além do mais, não sabia falar árabe, mas ele sim. As coisas óbvias tomaram outro rumo. Surpreendeu-me. Pena que não entendi o que diziam a seguir, mas, enfim, a mensagem foi passada a trancos e barrancos. A explosão dissipou e fiquei feliz com o efeito que pairava no ar. Ouso acreditar que a idéia possa ter servido para um ou para outro. Em todo caso, peguei o que era para mim. Arrumei minha coisas e estava indo embora quando o vendedor me gritou (como de hábito) dizendo: – *Insha’Allah!, Insha’Allah!*

Vejo como a ignorância traz arrogância. Podemos perder muitas oportunidades por pensar que temos razão ou que sabemos tudo. Espero, de verdade, que o vendedor de cinzeiros tenha dado um passo a frente, aprendido o alfabeto e esteja ganhando melhor sua vida. É disso que o povo africano necessita, esclarecimento, educação básica para criar mais autocrítica e fazer melhores escolhas. De fato, é o que todos precisamos, não é?

III. Conclusão:

Como não podia deixar de ser, escrevendo minhas vivências na Tanzânia 20 anos depois e pondo em palavras o ocorrido na praça Jeema al Fna, fiz despertar percepções adormecidas e surpreendentes. Obrigada Kátia Arakaki e Giuliana Costa por “complotarem” ao meu favor. Sabe lá o que será despertado a partir daqui!

Hoje, 14 de julho de 2014, levando em conta maior autocrítica recuperada com autopesquisas e com o conhecimento da ciência Conscienciologia, penso que há uma casuística bem mais complexa atrás desse percurso de viajante. Sigo minhas pesquisas pessoais e agradeço sempre ao grande amparo que tive durante todos esse anos de viagens internacionais e sobretudo nesse momento. Compartilho aqui uma frase, muito íntima, que me acompanha desde o momento que soube da nossa mudança para África, ou seja em 1994, que é: - “Não é todo mundo que tem uma vida dessas, você tem ideia da sua missão?” Todos nós temos um “cochicho desses no pé do ouvido”. Ignorava o conteúdo profundo dessa frase. Admito que continuo ignorando. Com o conceito de programação existencial, essa pergunta criou múltiplas facetas e, admito, fiquei petrificada. O desconhecimento sobre o tema do autoparapsiquismo intelectual é de fato coisa seríssima. Pude perceber contraponto valioso com o verbete *Autoparapsiquismo artístico místico* da professora Málu Balona, e aproveitei para agradecer pelo seu talento didático. Sigo então com maior discernimento (fazendo força para) e colocando a multidimensionalidade no meu dia a dia. *Adelante*, mas sem atropelarmos a nós mesmos. De fato, temos todos coisa a ensinar. Boas energias para todos nós.

Madrid, 14 de julho de 2014

Maria Lucia Lindemann

OLHARES MULTIFOCALIS SOBRE A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE MOÇAMBIQUE: REFLECTINDO CRITICAMENTE SOBRE POLÍTICAS E PRÁTICAS

Ilídio Macaringue¹

RESUMO: Neste trabalho, o foco radica na análise das políticas linguísticas e da situação sociolinguística e sociocultural de Moçambique decorrente da confluência de várias línguas e culturas para compreender os processos de nativização/ nacionalização da língua portuguesa no país. Ao longo do trabalho usou-se, com regularidade, o termo nacionalização tendo em vista evidenciar os processos subjacentes à apropriação do Português em Moçambique, perspectivando o pressuposto político-ideológico de ser uma língua oficial e de unidade nacional, língua de Estado e da nacionalidade moçambicana. O interesse em pesquisar a temática prende-se com as ambivalências das bases epistemológicas da política linguística do país que preconizou a oficialização do Português sem o nacionalizar e nacionalizou as línguas bantu, também designadas línguas autóctones, e que o discurso oficial as tipifica como línguas nacionais, não obstante estarem fragmentadas geograficamente, ou seja, sem extensão territorial nacional, sem as oficializar. Desta feita, pode-se concluir que a actual situação linguística de Moçambique vulgariza a política linguística que preconizou a norma europeia como padrão no país, tendo em consideração que a legislação determina um modelo de falar e os usos da língua outro modelo, consagrando-se aqui um processo dicotómico entre o ideal perfeito assente na norma como referência inclusiva e não “exclusiva” e o real perfeito assente nas normas comuns do quotidiano.

Palavras-chave: Políticas linguísticas, Português de Moçambique, Nacionalização, Língua(gem).

Introdução

Moçambique, à semelhança dos demais países africanos, herdou uma política linguística/ cultural europeia significativa em decorrência do processo de colonização que formalmente foi cancelado na Conferência de Berlim (1884-1885), Alemanha, com a adopção do princípio de ocupação efectiva do continente africano que tinha em vista regular a forma como as potências deviam ocupar os territórios com a salvaguarda da necessidade de respeitar as áreas ocupadas anteriormente por outras potências, facto que mais tarde não se verificou em alguns casos.

¹ Por Ilídio Enoque Alfredo Macaringue. Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (Brasil), Pós-graduado (Especialização) em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa pela Universidade de Aveiro (Portugal) e Licenciado em Ensino de Português pela Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). E-mail: imacaringue1976@yahoo.com.br

A Conferência de Berlim pode ser enquadrada nas consequências da expansão europeia que se iniciou no século XV com destaque para Portugal e Espanha, considerados percussores, países que foram posteriormente seguidos por Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Itália e Alemanha.

A partilha do continente africano, que mais tarde veio a ser decisiva no desencadeamento das duas guerras mundiais (1914-1918; 1939-1945) em função dos desentendimentos na política de ocupação colonialista, foi efectuada de forma arbitrária, isto é, desordenada. Com isso, não foram respeitadas as características peculiares de alguns dos grupos nativos como, por exemplo, etnia, cultura e crenças, e houve casos em que povos aliados foram separados e os inimigos juntados, facto que até hoje constitui foco de tensão em algumas regiões.

A colonização europeia contribuiu, igualmente, para o deslocamento das fronteiras linguísticas e culturais em África, tornando-as mais híbridas e complexas, cujo processo acabou impactando decisivamente nas línguas e culturas europeias no continente, tornando-as endogeneizadas à matriz sociocultural, sociossimbólica e político-ideológica das antigas colónias.

No caso de Moçambique, foco de pesquisa, colonizado por Portugal até 1975, ano em que alcançou a independência, o Português foi usado pela metrópole como um mecanismo de dominação cultural, político-intelectual e ideológica, implantando nos dominados a *falsa consciência* de que as suas línguas e culturas eram inferiores para justificar a sua aculturação e os esforços de apagamento da história sociocultural dos moçambicanos. Todavia, tais intentos acabaram fracassando, em parte, devido ao despertar nacionalista dos moçambicanos liderados pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) que conduziu a guerra de libertação nacional (1964-1974).

No quadro da consolidação do Estado nacional, a FRELIMO resgata parte das políticas linguísticas do poder colonial ao legitimar o Português como língua de prestígio e de inserção socioprofissional, criando assim um marco hierárquico no contexto das diversas línguas no país.

Desta feita, a política linguística pós-independência consagrou o Português como língua oficial e de unidade nacional e as línguas autóctones como línguas veiculadoras da cultura e da identidade nacional como se fosse apenas cultura e identidade nacional o que é veiculado nessas línguas. Convém não esquecer de que existe uma parte significativa de moçambicanos que construíram todo o seu repertório intelectual, social e cultural com base na língua portuguesa e nem por isso deixam de ser legítimos embaixadores e veiculadores da cultura e da identidade nacionais.

Ainda olhando a situação sociolinguística de Moçambique, outro dado curioso não passou despercebido: o facto de se ter oficializado o Português sem se nacionalizar e terem sido nacionalizadas as línguas autóctones sem serem oficializadas, e que apenas em 1990, ou seja, 15 anos depois da independência nacional, o estatuto de língua oficial foi formalizado na Constituição da República do mesmo ano, o que em tese deixa evidente o facto de que o Português foi adoptado tacitamente como língua oficial em 1975 sem que tal estatuto fosse expresso no texto constitucional, um procedimento que foi seguido por alguns dos estados pós-coloniais em África imediatamente às suas independências.

Por isso, neste trabalho, o objetivo é analisar as políticas linguísticas e a situação sociolinguística e sociocultural de Moçambique decorrente da confluência de várias línguas e culturas para compreender os processos de nativização/ nacionalização da língua portuguesa.

Para tal, recorreu-se à suficiência interpretativa que, segundo Christians (2006, p. 153) que cita Denzin (1989), significa “acompanhar com seriedade vidas repletas de múltiplas interpretações e embasadas na complexidade cultural”, para perceber a conjuntura contextual do uso de alguns lexemas e o recurso a algumas estratégias semântico-pragmáticas “inexistentes” no Português Europeu, mas que são uma constância no Português de Moçambique em decorrência das peculiaridades socioculturais e históricas que moldam novas realidades.

A coabitação de várias línguas portuguesas no país, e representadas pelos protótipos nominais Português Europeu e Português de Moçambique, permite constatar a existência de duas tendências: uma que apregoa a manutenção da norma europeia e a outra que defende a sua substituição pelo Português de Moçambique e que, para tal, deveria ser normatizado.

O posicionamento relativamente a estas tendências não poderia ser neutro. Assim, defende-se o reconhecimento formal do Português de Moçambique como património sociocultural enraizado na sociedade moçambicana e, como tal, deve ser normatizado, porém, não se apregoa que ele substitua a norma europeia. Pelo contrário, que coabitem as duas normas, já que oficiosamente, em muitos contextos, verifica-se a dualidade das duas línguas portuguesas, fenómeno que designamos bilinguismo em língua portuguesa², o que traz subsídios que permitiriam a elevação da norma culta do Português de Moçambique como modelo para a sua padronização.

Sobre a norma culta, Bagno (2003, p. 65) define-a “como o primeiro substrato da norma padrão que é introduzida no sistema linguístico pelos falantes com alta escolarização e cultura urbana”³.

Para casos de pessoas que, de acordo com os contextos, se posicionam linguisticamente de forma diferente, isto é, desenvolvem um repertório linguístico em Português diferenciado para se adequarem ao contexto em presença, Rojo (2009) apelida-os de políglotas em Português, uma constância também no país.

Como se pode perceber, o foco da pesquisa está entroncado em volta da língua e as interfaces que podem ser estabelecidas a partir dela. Parafraseando Marcuschi (2012), nesta pesquisa a língua não vai ser vista nem como código, nem sequer como instrumento e muito menos como uma estrutura.

De acordo com o autor⁴, quando a língua é vista como um código ou sistema de signos, a sua análise desenvolve-se na imanência do objecto, o que negligencia o contexto e a situação, bem como os aspectos discursivos sociais e históricos subjacentes. Já quando se perspectiva a língua como instrumento, naturaliza-se a falsa ideia de que a compreensão se torna algo objectivo, o que em tese configura uma transmissão da informação de forma natural e deixa-se a entender que a língua é um instrumento transparente e de manuseio não problemático. Por fim, a língua não é uma estrutura porque os falantes, envolvidos em processos sociodiscursivos, é que têm a capacidade de a estruturar com o recurso a alguns dos seus aspectos, tais como lexicais e sintácticos.

2 O conceito de bilinguismo é usado na perspectiva de Romaine (1995) citado por Fritzen (2008, p. 343), como o “uso alternado de duas ou mais línguas”.

3 Para Bagno (2003, p. 66), a chamada norma culta devia ser designada por “variedades de prestígio ou variedades prestigiadas”.

4 Cf. Marcuschi (2012, p. 59-60; 228-229).

Marcuschi (2012) chama a atenção para o facto de que não se pode ver a língua apenas na vertente das actividades cognitivas, pois se corre o risco de não se conseguir explicar o seu carácter social. Por isso, ela é vista, também, como uma prática sociocultural e sociointeractiva que demanda dos contextos discursivos e como uma actividade sociocognitiva, tendo em conta que o social influencia o cognitivo.

Desta feita, o conceito de língua que se usa neste trabalho está em conformidade com a perspectiva de César e Cavalcanti (2007), os quais o metaforizam como caleidoscópio, pois ela é multifacetada e em constante dinamismo. Já a linguagem é perspectivada nas ópticas de Geraldi (2000), Fairclough (2008) e Travaglia (1997) como forma de interacção e prática social emoldurada na interacção, ou seja, como sintetiza Marcuschi (2012), a linguagem é um conjunto de actividades e uma forma de acção, o que permite, segundo Rajagopalan (2013), reformular constantemente as personalidades das pessoas, facto que nos leva a julgar que seja um mecanismo através do qual as pessoas manifestam as suas identidades em contextos discursivos.

Tomando em consideração o facto de que a cultura estabelece uma relação de contiguidade indelével com a língua, então, procede o pensamento de Back (1987, p. 61) de que “a língua revela cultura, armazena todos os elementos culturais. Mais ainda, é a condição para que a cultura possa existir dentro de uma comunidade”.

Por isso, a língua é um meio de interacção maleável – toda a língua muda, a contragosto dos gramáticos normativistas que vêem a batalha da puridade linguística e, do modo particular em Moçambique da lusitanização do Português cada vez perdida; é também um veículo de cultura, e por conta disso a sua hibridação é inevitável em decorrência da sua apropriação pelos falantes, razão pela qual, segundo Back (1987), se a língua é um espelho de toda a cultura, ela deve ser diferente de uma cultura a outra, aclarando-se uma simbiose funcional arrojada na trilogia língua, linguagem e cultura, o que nos permite configurar a língua como meio de exercício do poder simbólico, na perspectiva de Bourdieu (2007), e como meio através do qual se estabelece o confronto de identidades segundo a visão de Hall (2009, 2006, 2000), Silva (2000), Woodward (2000), Rajagopalan (2013, 1998) e Sarup (1996). Para estes autores, a identidade é construída nas práticas discursivas e é complexa, provisória, em constante mutação e ela é circunstancial e contingencial.

A este propósito, Pires-Santos (2004, p. 70) enfatiza que “da mesma forma, se não há lugar para a noção de identidade centrada, unificada, também não há lugar para a linguagem enquanto sistema homogêneo, mas em desequilíbrio, sempre heterogênea e complexa”, razão pela qual a ideia de homogeneizar linguisticamente todos os moçambicanos a modelo da norma europeia, que regula os usos da língua portuguesa no país, é apenas um desiderato político-ideológico assente na consolidação do Estado nacional uma vez que as pessoas jamais falaram a mesma língua da mesma maneira.

Em suma, pode-se referir que em Moçambique existem várias línguas portuguesas e o discurso oficial reconhece apenas a norma europeia por questões de conveniência.

1. No entorno do contexto de pesquisa

A República de Moçambique, que se tornou independente de Portugal em 25 de Junho de 1975, depois de uma luta armada que durou 10 anos (1964-1974), encabeçada pela FRELIMO (Frente

de Libertação de Moçambique), situa-se na costa Sudeste da África Austral, entre os paralelos 10° 27' e 26° 52' de latitude Sul e entre os meridianos 30° 12' e 40° 51' de longitude Este, limitado a Norte pela Tanzânia, a Noroeste pelo Malawi e a Zâmbia, a Oeste pelo Zimbábue e África do Sul, a Sul pela Swazilândia e África do Sul e a Leste pelo Canal de Moçambique e pelo Oceano Índico.

Com uma população estimada em pouco mais de 20 milhões de habitantes, segundo o Recenseamento Geral da População de 2007 e, de acordo com as previsões para 2014 será de aproximadamente 25 milhões de habitantes, Moçambique tem um clima predominantemente tropical e húmido, com 799.380 Km² de área, dos quais 786.380 são de terra firme e 13.000 de águas interiores, com uma faixa costeira de 2470 quilómetros banhada pelo Oceano Índico partindo da foz do rio Rovuma (Norte) à Ponta de Ouro (Sul) e um relevo de planície, planalto e montanha, o que o torna o país com um dos relevos mais híbridos do continente africano em virtude de integrar três das grandes regiões do continente, nomeadamente África Oriental, África Central e África Austral.

1.1. Breve panorama da situação sociolinguística de Moçambique

Na análise da situação sociolinguística de Moçambique não se deve ignorar uma das principais categorias quando se faz uma pesquisa com fundamento sócio-histórico – a categoria tempo – em virtude de ser um elemento sinalizador que permite circunscrever os acontecimentos históricos e os fenómenos sociopolíticos mais importantes para a compreensão do contexto da pesquisa e da desenvoltura de todo o processo argumentativo.

Assim sendo, o horizonte temporal comporta três períodos distintos e complementares. Distintos porque ocorreram em momentos diferentes, complementares porque a compreensão de todo o processo histórico exige esse olhar aglutinador.

Para o efeito, são elencados, a seguir, os períodos historiográficos da história de Moçambique concomitantes à história da língua portuguesa no país tendo por base Gonçalves (1996):

- O primeiro, designado de período pré-colonial, que vai de 1498, ano da chegada dos portugueses a Moçambique até 1918, ano do fim das confrontações militares sistemáticas no quadro da ocupação colonial;
- O segundo, chamado de período colonial, que vai de 1918 até 1975, ano da independência de Moçambique;
- O terceiro, denominado de período pós-independência, que vai de 1975 até à actualidade.

Como se pode perceber, a periodização da história da língua portuguesa no país confunde-se com a própria história de Moçambique, tendo em conta o papel determinante que o Português desempenhou nos esforços da implantação do aparelho colonial.

A escolha do Português como língua oficial e de unidade nacional em Moçambique depois da independência resultou da herança de um terreno fértil herdado ainda no decurso da luta armada de libertação nacional, porque a FRELIMO estava ciente da diversidade étnico-linguística e cultural dos seus guerrilheiros e era preciso forjar os alicerces da unidade na diversidade, conforme atesta

a passagem retirada de Lopes (2004, p. 21) que cita Machel (1979)⁵: “a necessidade de combatermos o opressor exigia um combate intransigente contra o tribalismo e o regionalismo. Foi esta necessidade de unidade que nos impôs que a única língua comum – a que servia para oprimir – assumisse uma nova dimensão”, consagrando-se assim a herança tácita da política linguística do período colonial e adaptada para o período pós-colonial.

Ao atribuir-se à língua portuguesa um estatuto tão importante; o de língua oficial e de unidade nacional para forjar e consolidar os alicerces basilares do jovem Estado-Nação, criou-se uma impermeabilidade com um limbo rústico: a estratificação hierárquica da diversidade étnico-linguística e cultural na mesma pirâmide onde o cume é a língua portuguesa sustentada na base pelas línguas autóctones.

Com este estatuto, o Português reforçou-se como língua de prestígio e de inserção socioprofissional, neutralizando o prestígio sociocultural das línguas autóctones e, com isso, gerou-se a dissonância ideológica entre a classe dirigente no seio da FRELIMO, uma vez que havia certos círculos de opinião que não viam com bons olhos a crescente subalternização das línguas locais tendo em conta o seu papel importante na sociedade, por exemplo, na ramificação das relações intra-familiares, interculturais, inter-étnicas e intra-étnicas.

A este propósito, Mazula avança que

Em 1982, no contexto de ideias liberais no seio da Frelimo, o IV Congresso [realizado de 26 a 30 de Abril de 1983] reconhece a diversidade cultural como riqueza nacional e abre-se ao início do estudo das línguas moçambicanas. Mas o Congresso omite-se em falar de línguas nacionais, e fala apenas de línguas moçambicanas. Essa diferença é importante: São moçambicanas porque são faladas em território moçambicano, mas, como são incapazes de construir a Nação, não seriam nacionais (MAZULA, 1995, p. 215).

Desta feita, inscreveu-se um novo panorama que reconheceu a importância linguística, cultural e étnica que estas línguas representam para a população e permitiu aclarar o facto de que o país podia fortificar-se e garantir a sua unidade na diversidade. Foi, sem dúvidas, um marco importante que abriu espaço para o estudo formal e sistematizado das línguas autóctones⁶ e, por conta disso, da sua relevância como plataformas de apoio à língua portuguesa no panorama geoestratégico e político-ideológico da construção e consolidação do Estado moçambicano.

Apesar de todos os esforços, as línguas autóctones, não obstante o reconhecimento da sua importância no contexto sociocultural e sociolinguístico do país, continuam hibernadas a usos específicos e em determinados contextos sociais. Já o Português continua sendo uma língua minoritária em Moçambique, porém com um crescimento significativo do número de falantes em decorrência da sua

5 Comunicação apresentada durante o 1º Seminário Nacional sobre o Ensino do Português realizado em Maputo em 1979 por Graça Machel, enquanto Ministra da Educação e Cultura.

6 Entre os pesquisadores que estudam a situação linguística de Moçambique não existe um consenso no número de línguas existentes e faladas no país. Por exemplo, Guthrie (1967-1971) avança 23 línguas. Lopes (2004) apresenta 21 línguas. Siteo e Ngunga (2000) apresentam 17 línguas. Por seu turno, Firmino (2006) apresenta 15 línguas autóctones. Porém, o mesmo autor, portanto, Firmino (2001), apresenta 19 línguas.

popularização pelo Estado através dos órgãos de comunicação social, sistema de ensino, instituições religiosas, entre outros mecanismos.

Como se pode constatar, não existe consenso sobre o que seria ideal para uma política linguística mais inclusiva em Moçambique, tendo em conta algumas das ambivalências já mencionadas ao longo do trabalho, o que contribui para a inflamação de posições entre os estudiosos dedicados à matéria. Por exemplo, Firmino (2006) descarta as propostas de uma única língua nacional emanadas de Bamgbose (1982) e defende que para o caso do contexto moçambicano seria mais razoável a proposta de Laitin (1992) que defende que o Português em Moçambique devia ser tipificado como uma língua nacional.

Segundo Firmino,

O processo de nativização que o Português está a sofrer em Moçambique fornece evidências adicionais de que se está a tornar um importante instrumento para veicular o universo cultural do país. Transcendeu já o papel de uma pragmática língua que serve como elo de ligação, escolhida por razões práticas, e está a tornar-se uma língua culturalmente endogenizada. Para mais, torna-se irónico que uma língua considerada pelo discurso oficial e pelo discurso público como símbolo de unidade nacional não seja reconhecida como língua nacional (FIRMINO, 2006, p. 171).

Ainda de acordo com o autor (*op. cit.*, p. 172), as línguas autóctones e o Português deviam ser tipificadas como línguas nacionais, tendo em conta que foram nacionalizadas de formas distintas, porém complementares: “as línguas autóctones, por serem nativas da realidade moçambicana e estarem associadas às tradições africanas; o Português, devido às funções que lhe são atribuídas pelo discurso oficial e por causa da sua apropriação”.

A questão da paternidade do Português e dos sentimentos nacionalistas e afectivos que tal facto encerra podem ser evidenciados neste embate atemporal entre dois dos principais escritores da lusofonia, nomeadamente Fernando Pessoa e Mia Couto. Fernando Pessoa, poeta incontornável da literatura portuguesa, dizia já nos seus tempos logínquos que “a minha pátria é a língua portuguesa”⁷. Já Mia Couto, escritor incontornável da literatura moçambicana, defende que “a minha língua portuguesa, repito a minha língua portuguesa, é a pátria que estou inventando para mim”⁸, propiciando-se aqui um debate ontológico, dialógico e ideológico de matriz historicista e filosófica.

Desta feita, percebe-se, seja no pensamento de Fernando Pessoa, seja no de Mia Couto, que a língua é cativada na fonte, isto é, o seu uso consubstancia-se nos usos e nos costumes dos falantes e serve de um meio de manifestação do patriotismo, do nacionalismo e da nacionalidade que se entrelaçam na pretensa identidade do país de onde o falante é proveniente, razão pela qual *a priori* espera-se que um cidadão português fale o Português Europeu, o moçambicano fale Português de Moçambique e o brasileiro fale Português do Brasil.

7 Cf. Pessoa (1982, p. 17).

8 Cf. Couto (2011, p. 186).

A este respeito, José Saramago, escritor português e Prémio Nobel da Literatura em língua portuguesa em 1998, num pronunciamento proferido no documentário⁹ “Línguas – Vidas em Português” dirigido pelo moçambicano Vítor Lopes, residente no Brasil há mais de 25 anos, toma um posicionamento discursivo performativo de cariz democrático-filosófico ao defender que “não há uma língua portuguesa, há línguas em português”, evidenciando, desta forma, o carácter multifacetado subjacente ao conceito de língua e dando voz e legitimidade às diversas e diferentes línguas portuguesas existentes no mundo lusófono, e que devido ao discurso ideológico acabam sendo silenciadas e tipificadas como não sendo línguas e cognominadas por dialectos e variedades que atentam contra a pretensa pureza lusitana do Português.

Portanto, José Saramago desmistifica a ideia de uma língua portuguesa hegemónica e rebate a pretensão da paternidade lusitana do Português ao defender a existência de várias línguas em Português, democratizando, deste modo, o uso da língua portuguesa e que as especificidades resultantes dos contextos socioculturais dos diferentes quadrantes do mundo em que se fala esta língua autonomizam tais usos linguísticos, simbólicos e ideológicos e consagram-se estas várias línguas em Português (por exemplo, Português Europeu, Português de Moçambique e Português do Brasil) como protótipos metafóricos que simbolizam os diversos falares dessas várias línguas em Português em cada um desses países, o que configura um ambiente de multilinguismo em língua portuguesa nesses contextos.

Em função de todos os aspectos arrolados ao longo do trabalho, um ponto de ordem para a reflexão sobre as políticas linguísticas de Moçambique se impõe, fundada no questionamento, que se diga bem perspicaz, do linguista brasileiro Celso Cunha, no seu livro publicado em 1975¹⁰:

“Será admissível a hipótese de que Portugal nos cedeu a utilização do idioma e, por isso, dele deve ter para sempre o controle normativo?”

Com certeza que não, porque uma língua, sendo um constructo social, é pejada, por exemplo, da herança sociocultural, simbólica e ideológica dos contextos em que ela é falada e, como tal, nenhum Estado soberano deve ter o poder sobre uma língua legitimamente falada num outro Estado soberano, razão pela qual é imperioso que em Moçambique se repensem as directrizes orientadoras das políticas linguísticas em vigor tendo em conta as transformações que o Português Europeu está a sofrer no país e reconhecerem-se oficialmente as múltiplas identidades moçambicanas consagradas na língua portuguesa, o que a torna uma língua nacional tendo em conta as funcionalidades de que goza na edificação do Estado-Nação e no provimento das políticas públicas para o desenvolvimento e que por sinal é também meio do exercício da soberania nacional, cuja plenitude em termos linguísticos e político-ideológicos seria devidamente consagrada com a adopção do Português de Moçambique como língua de Estado, à semelhança do procedimento seguido pelo Brasil, com vista a sair-se, o quanto antes, deste marasmo – políticas da norma ou normas da política?!

9 O documentário foi produzido em 2004 sob o patrocínio do Brasil e de Portugal e o vídeo está disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Git8MwRqDcE. Acesso em 21 de Abril de 2014.

10 Com o seguinte título: *Uma política do idioma*, publicado pela editora Tempo Brasileiro.

2. O Português de Moçambique

O Português de Moçambique, ainda que seja considerado como uma variedade para alguns dos pesquisadores, neste trabalho, ele não é abordado como uma variedade linguística ou dialecto. Pelo contrário, é visto como outra língua portuguesa, à semelhança, por exemplo, do Português do Brasil que é outra língua portuguesa, pois a dinâmica sociolinguística e o uso linguístico, ideológico e simbólico das línguas legitima a emergência de diferentes línguas da mesma matriz. No caso, várias línguas portuguesas que dão voz a diferentes sensibilidades espalhadas pelo “mundo português”.

Por exemplo, no Português de Moçambique (PM) predomina a tendência de flexão do género em contra-mão com a norma do Português Europeu (PE), nomeadamente nos seguintes casos: *terminal*, unidade lexical que pode ser flexionada para ambos os géneros (masculino e feminino) quando desempenha o papel de adjectivo. Porém, nos casos em que é um nome, a flexão deve ser para o masculino, como na seguinte frase: *Estou no terminal de passageiros*. Contudo, em Moçambique, é mais recorrente o uso desta unidade lexical como nome e flexionada no género feminino, como no seguinte exemplo: *Estou na terminal de passageiros*.

O mesmo se pode dizer da palavra *alface* (verdura de folhas verdes que preparada leva o nome de salada e serve como acompanhante nas refeições ou como entrada em alguns casos) é categorizada “erroneamente” com marcas do género masculino – *o alface* em vez de *a alface*, realidade que sucede também com a unidade lexical *guarda-chuva*, porém o fenómeno é inverso: *a guarda-chuva* no lugar de *o guarda-chuva*, fenómeno que também ocorre em *a tomate*, no lugar de *o tomate*.

2.1. Excertos de jornais

Excerto 1:

Condutores de “txovas” devem ser disciplinados

Contudo, um dos grandes constrangimentos é a convivência com os “txovas”, as tais carrinhas movidas pela força humana que também aumentaram na capital do país. Os “condutores” dos “txovas” são uns aventureiros que desafiam os automobilistas, não querem saber de nada, o que pretendem é fazer a travessia e chegar onde pretendem sem interferências de ninguém.

Fonte: Jornal *Notícias*, formato *online*, de 23 de Setembro de 2013.

No excerto, ocorre uma unidade lexical de natureza bantu, no caso “txova”, que também pode ser escrita *tchova*. Deste empréstimo lexical bantu *tchova* (empurra no PE) surgiu uma nova categoria gramatical – o verbo *tchovar*, proveniente de *ku - tchova* e equivalente a *empurrar* no PE, cujo mecanismo de verbalização obedeceu ao princípio na língua portuguesa do acréscimo do sufixo *-ar* para formar verbos.

A palavra *tchova* está intimamente ligada a um meio de transporte designado *tchova xitaduma*, numa clara alusão ao emprego da força humana para empurrá-lo. Composto por dois pneus, os mesmos que são usados nos veículos automóveis e uma pequena carroçaria e movida por força humana, *tchova xitaduma* constitui um dos emblemas da batalha da população carente pela sobrevivência.

O *tchova xitaduma* pode transportar produtos alimentares, animais, materiais de construção civil e pessoas.

A metáfora *tchova xitaduma* é analogia a um veículo automóvel com problemas no motor de arranque e que, empurrado, o motor começa a funcionar. No entanto, para o caso do *tchova xitaduma* tal situação não acontece, uma vez que não tem motor, por isso nunca vai “pegar”, ou seja, funcionar. Porém, a analogia ao acto de funcionamento de um motor, *duma* de *ku-duma* (acto que simboliza o funcionamento do motor) é para legitimar e motivar a pessoa (*o tchova*) para percorrer a distância pretendida pelo cliente/ usuário deste meio de transporte que, não raras vezes, protagoniza acidentes nas estradas, o que legitima algumas correntes de opinião que defendem que os *tchovas*, ou seja, os seus “condutores” devem ingressar nas escolas de condução para aprender as regras básicas de trânsito.

Excerto 2:

**Ecoss do aumento da tarifa dos transportes:
Chapeiros satisfeitos com os novos preços**

A nova tabela de preços dos chapas foi aprovada na semana passada pela Assembleia Municipal de Maputo passando de 5 para 7 meticais (cerca de 18 cêntimos de euro) para uma viagem de autocarro público, e de 7,5 para 9 meticais no transporte público de operadores privados, vulgo “chapas”.

Fonte: Jornal *Savana* de 2 de Novembro de 2012, p. 18.

A palavra *chapa* existe no quadro lexical do PE. No entanto, no excerto acima, ela foi conjecturada para outra semântica, daí o seu enquadramento como sendo um neologismo semântico em virtude de a mesma não significar, por exemplo, a conhecida chapa usada para a cobertura de casas e outras utilidades similares.

De acordo com Mendes (2010, p. 111), neologismo semântico refere-se ao “processo pelo qual uma forma já existente adquire um novo significado, dando origem ao neologismo de sentido ou semântico”. Ainda sobre neologismos semânticos, Gonçalves (2010, p. 27) refere que resultam de palavras existentes no PE “às quais foi atribuído um novo sentido”.

No caso em análise, *chapa* é a designação dos transportes semi-colectivos de passageiros. Tal designação remonta à década de 1980 quando o governo decidiu liberalizar o sector de transporte para pequenos transportadores em resposta à informalidade que tinha tomado conta deste segmento da economia de Moçambique dada a incapacidade do poder público de fazer face à carência de transporte.

A unidade lexical *chapa*, geralmente, é usada com o segmento lexical do preço inicial do custo da passagem, que outrora era de 100,00 meticais e que, com o decorrer do tempo, o valor foi ficando inflacionado, daí os aumentos sucessivos. Por isso, é comum dizer-se *chapa-cem*, nomenclatura que deriva da combinação das palavras *chapa* (meio de transporte) com *cem* (o valor inicial da tarifa) e os seus condutores são vulgarmente conhecidos por *chapeiros*, conforme atesta o título da notícia.

Excerto 3:

**Estrada Circular de Maputo volta ao barulho:
População revoltada com o governo**

Quanto à destruição das habitações e machambas das populações pelo empreiteiro sem a devida compensação, a vereadora referiu que a construtora não tem nenhum aval das autoridades municipais para invadir residências das pessoas.

Fonte: Jornal *Savana* de 9 de Novembro de 2012, p. 4.

A palavra “*machambas*” equivale a campos agrícolas ou campos de cultivo no PE, termos raramente usados em Moçambique, o que nos permite perceber que a apropriação linguística permite configurar uma realidade designando-a de outra maneira. Os que trabalham nas *machambas* são denominados *machambeiros*, equivalente a agricultores no PE.

Excerto 4:

Escassez de água em Lumbo gera conflitos entre casais

As mulheres madrugam e percorrem longas distâncias à procura do precioso líquido para satisfazer as necessidades básicas domésticas e assegurar a higiene nas famílias. Contudo, os homens alegam que as suas companheiras demoram nos poços, onde formam bichas enormes e só regressam ao meio dia, porque se amantizam.

Fonte: Jornal *A Verdade* de 16 de Novembro de 2012, p. 6.

Neste excerto ocorre a palavra *bicha*, um substantivo que equivale à *fila* no PE. A denominação de *bicha* a uma *fila* transformou-se numa prática costumeira em Moçambique, pelo que *fila* para designar aquela realidade no contexto sociolinguístico local é uma raridade.

Antes tida como neologismo, *bicha* já consta dos verbetes de alguns dicionários de língua portuguesa mais recentes com o significado equivalente à *fila*, segundo Mendes (2010, p. 130).

Em Moçambique, o uso da palavra *fila* constitui uma excepção. No PM, o substantivo *bicha* foi verbalizado e resultou no verbo *bichar* que equivale a *formar fila*. Porém, este verbo não existe no padrão do PE¹¹.

A unidade lexical *bicha* lembra a palavra *mata-bicho*. *Mata-bicho* no PM equivale no PE a pequeno-almoço. A partir do substantivo *mata-bicho*, surgiu uma nova categoria gramatical – o verbo *matabichar*, verbo atípico no padrão do PE.

Segundo Mendes (2010, p. 120), *mata-bicho* já deixou de ser neologismo, pois consta dos verbetes de alguns dicionários, como é o caso do Dicionário da Língua Portuguesa¹².

Apesar de ser uma palavra que consta dos dicionários, o seu emprego é restritivo no contexto sociolinguístico de Portugal, sobretudo o de padrão do PE, o que não causa estranheza, pois o facto de uma palavra constar dos dicionários não significa automaticamente que ela seja considerada como um léxico que deva ser usado no contexto da norma europeia, razão pela qual existem muitas palavras similares nos dicionários que não conseguiram vingar em Portugal e em outros quadrantes lusófonos, à excepção, por exemplo, de Moçambique e estas duas (*bicha* e *mata-bicho*) constituem exemplos bem evidentes.

Como se pode perceber, com base no recurso a alguns mecanismos morfológicos prescritos na gramática do PE, no PM vitaliza-se a língua portuguesa criando-se novas categorias gramaticais que não procedem na norma europeia, mas que têm uma relevância fundamental no ordenamento das relações socioculturais em Moçambique e pode-se, em tese, especular que a realidade sociolinguística de Moçambique e de outros quadrantes também contribui para a entrada de novas unidades lexicais

¹¹ Cf. Firmino (2006, p. 149).

¹² Editado pela Porto Editora em 1982.

nos dicionários do PE.

Conclusão

A situação linguística actual em Moçambique vulgariza os fundamentos da política linguística do país tendo em conta que cresce, de modo vertiginoso, o número de falantes que não falam a norma europeia, colocando-se em causa a vitalidade de um princípio normativo menorizado pelo direito costumeiro, tendo em consideração que a legislação determina um modelo de falar e os usos da língua outro modelo, consagrando-se aqui um processo dicotómico entre o ideal perfeito assente na norma como referência inclusiva e não “exclusiva” e o real perfeito assente nas normas comuns do quotidiano.

Portanto, a língua portuguesa em Moçambique está a seguir um rumo próprio que se constancia numa língua híbrida, criando-se assim pressupostos axiológicos que nos permitem asseverar que a mudança linguística em relação à norma europeia é um processo irreversível e que deverá acarretar novos reajustes nas políticas linguísticas do país, pois falar a modelo do Português Europeu, que chancela o bem falar Português em Moçambique, não obstante os esforços da sua replicação pelo Estado continua, volvidos quase 40 anos após a independência nacional, um desiderato por atingir e que se diga em abono da verdade uma meta inatingível.

Referências bibliográficas:

- BACK, Eurico. *Fracasso do ensino de Português: proposta de solução*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- CÉSAR, América. L.; CAVALCANTI, Marilda do Couto. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 45-66.
- CHRISTIANS, Clifford G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 141-162.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- FIRMINO, Gregório. *A “Questão linguística” na África pós-colonial: o caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Texto Editores, 2006.
- _____. *Situação linguística de Moçambique*. Dados do II recenseamento geral da população e habitação de 1997. Maputo: INE, 2001.
- GUTHRIE, Malcom. *Comparative bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the bantu languages*. Hants: Gregg international publishers, [1967] 1971.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LOPES, Armando J. *A batalha das línguas: perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

MAZULA, Brazão. *Educação, cultura e ideologia em Moçambique*. Maputo: Edições Afrontamento e Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, 1995.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 5ª reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, 1982.

PIRES-SANTOS, Maria Elena. *O cenário multilíngüe/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social*. Tese de doutoramento (inédita). Campinas: IEL, Unicamp, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 4ª reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de Identidade em linguística: é chegada a hora de uma consideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicada*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 21-45.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SARUP, Madan. *Identify. Culture and the postmoder world*. Endiburg: University Press, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferenças: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SITOE, Bento; NGUNGA, Armindo. *Relatório do IIº Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO, Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferenças: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

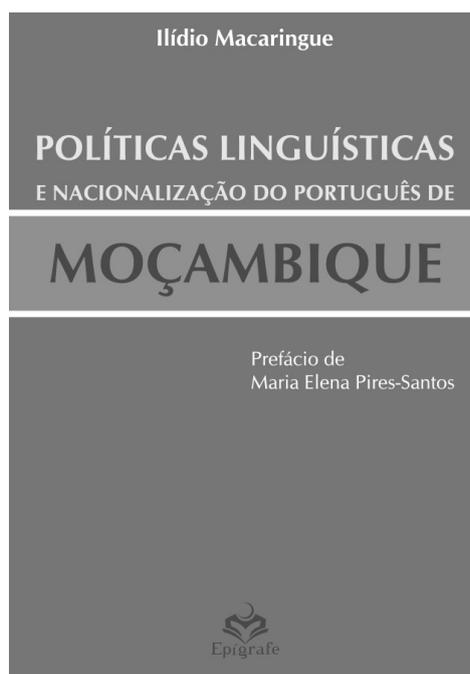


Foto: Capa do Livro do Prof. Ilídio resultado de sua dissertação de Mestrado na UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.



spirit of america /
Shutterstock.com

CONDUTAS PROFILÁTICAS NA ÁFRICA: HISTÓRIA DA SAÚDE E RECOMENDAÇÕES AO VIAJANTE

Fernanda Schweitzer e Ludimila Assis

I. Introdução

Itinerância. Com apenas 13% da população mundial, a África concentra 24% do contingente das doenças de todo o globo terrestre. Contando com 3% dos profissionais de saúde existentes no mundo e um sistema de saúde débil, num contexto de pobreza, conflitos e instituições governamentais deficientes, a compreensão do cenário africano torna-se condição indispensável para o voluntário itinerante.

Objetivo. O objetivo deste artigo é apresentar a realidade de saúde africana e prover recomendações para a profilaxia e bem-estar do viajante. As informações aqui descritas são direcionadas aos voluntários intercambistas da Intercons – Intercâmbio Conscienciológico Internacional.

Organização. O artigo é organizado em duas partes. A primeira, composta pelas seções II e III, aborda a estrutura e os indicadores de saúde no continente. A segunda, formada pelas seções IV, V e VI, detalha as atitudes profiláticas para viajantes, desde o planejamento da viagem até as experiências no país de destino.

II. A Medicina Africana

Origem. A primeira forma de medicina na África foi construída a partir das experiências e observações passadas, transmitidas de geração para geração oralmente ou por escrito. Conhecida por medicina tradicional africana, apresenta grande diversidade cultural e ainda é o único recurso em muitas partes do continente.

Concepção. A concepção tradicional de saúde engloba o respeito pelas regras sociais, antepassados e espíritos. Os principais sinais de saúde reconhecidos pela comunidade são a maternidade, a fecundidade e a prosperidade do grupo.

Práticas. As práticas terapêuticas são diversas e se dividem nas artes da adivinhação, da cura e da proteção. Eis alguns materiais utilizados na medicina tradicional africana, listados em ordem alfabética:

1. Utensílios: amuletos, máscaras e objetos com representações dos antepassados e das doenças.
2. Plantas medicinais, dentre as quais, a farmacopeia ocidental encontra muitas substâncias ativas.

Colonialismo. Durante o período colonial, o conhecimento médico e a farmacopeia tradicionais foram tratados de forma proposital como superstições, folclores e obscurantismo. Nessa perspectiva, foi

introduzido um discurso oficial pelos colonizadores de que os praticantes dessa medicina eram, muitas vezes, chamados de feiticeiros, e suas práticas de cura confundidas com atos de feitiçaria. Apesar disso, não era raro ver os próprios colonizadores a consultar um médico tradicional querendo resolver problemas de saúde, e até problemas de ordem espiritual e social da vida cotidiana.

Relegação. A medicina tradicional africana foi, dessa forma, relegada a um plano muito inferior pelas autoridades coloniais, também por pressões religiosas. Essa situação perdurou ainda nas décadas de 1920 a 1960 de forma mais extensiva, e atualmente, de forma mais velada. Como consequência, as políticas nacionais de saúde de diversos países, não integram as medicinas tradicionais africanas.

Timeline. Apenas no Século XX, o valor da medicina tradicional africana começou a ser reconhecido como abordagem terapêutica oficial. Eis, em ordem cronológica, 4 momentos-chave representativos dessa inclusão:

1978. Durante a Conferência de Alma Ata, a Organização Mundial de Saúde (OMS) exortou os Governos dos Estados membros a integrarem práticas cientificamente comprovadas, aos sistemas tradicionais de saúde, incluindo o desenvolvimento local de medicamentos tradicionais, cultivo e conservação de plantas medicinais.

2001. Os Chefes de Estados e Governos da Organização da Unidade Africana declararam em Lusaka, Zâmbia, o período de 2001 – 2010 como sendo da “Década de Desenvolvimento da Medicina Tradicional Africana”.

2003. A União Africana, em substituição à Organização da Unidade Africana, reuniu-se em Maputo, Moçambique e criou o dia da “Medicina Tradicional Africana” a ser celebrado anualmente em todos os países da região africana no dia 31 de Agosto.

2011. Foi lançada no continente africano, a “Segunda Década da Medicina Tradicional Africana” estendendo-se até 2020. Os desafios lançados para esta década incluem a criação de meios que viabilizem, através de políticas públicas, formas de garantir o devido reconhecimento à medicina tradicional africana, e àqueles que a utilizam para curar os males humanos.

Valorização. A partir dessas resoluções, a medicina tradicional começou a ganhar espaço e valorização na política dos governos dos países africanos. Atualmente, calcula-se que cerca de 80% da população africana recorre à medicina tradicional para cuidados de saúde, 90% de medicamentos tradicionais africanos são derivados de plantas e 30% de medicamentos convencionais provem de plantas.

Contrastes. Em muitos países, como na África do Sul, os sistemas público e privado de saúde coexistem em paralelo. O sistema público atende à maioria da população, mas é cronicamente insuficiente em recursos e profissionais. A população com melhores condições financeiras usa o sistema privado, muitas vezes optando por viajar à África do Sul (Medicina mais avançada do continente) ou mesmo a outros países não-africanos para tratamento de saúde.

Mobilização. A atenção mundial para as doenças infectocontagiosas na África mobilizou organizações religiosas, fundações privadas e corporações, trazendo inquestionáveis benefícios à saúde de milhões de africanos. Resultou ainda na criação de parcerias internacionais, tais como o Programa Conjunto das Nações Unidas para HIV/AIDS (UNAIDS) e o Fundo Global de Luta contra a AIDS, Tuberculose e Malária.

Distorções. No entanto, a concentração de recursos no combate das 3 principais infecções: HIV/AIDS, tuberculose e malária, levou a distorções no sistema público de saúde, relegando a segundo plano, os demais desafios de saúde do continente. Mortalidade materna, doenças parasitárias e bacterianas receberam pouca atenção mundial, enquanto doenças psiquiátricas obtiveram quase nenhuma. Tais doenças estão virtualmente ausentes dos debates das políticas nacionais de saúde e da agenda global de saúde.

Desafios. Na próxima década, as doenças infecciosas permanecerão como um desafio em grande parte da África, a contar pela atual epidemia de ebola na África Ocidental (ano base-2014). Entretanto, doenças crônicas como diabetes, hipertensão, câncer e patologias respiratórias crônicas já constituem um ônus importante na África e estão aumentando rapidamente, principalmente nos cenários urbanos. Estas doenças não notificáveis foram marginalizadas das estratégias de saúde pública na África, visto 80% da atenção estar voltada para as doenças de notificação compulsória.

Paradoxos. Apesar dos grandes desafios do sistema de saúde africano há paradoxos tangíveis, tais como os 2 exemplos abaixo:

1. Hospital. O continente com maior escassez de recursos, possui o maior hospital do mundo, localizado na África do Sul, em Joanesburgo. O Hospital Chris Hani Baragwanath, localizado em uma área de 173 hectares, com 3.200 leitos, é uma das principais referências em saúde no continente.

2. Pioneirismo. A dificuldade em tratar doenças facilmente preveníveis contrasta com o pioneirismo demonstrado no transplante de coração. Em 3 de dezembro de 1967, na África do Sul, o cirurgião sul-africano Christiaan Barnard fez o primeiro transplante de coração humano.

III. Indicadores de Saúde Africanos e Mundiais

Regiões. A OMS agrupa os países em 6 regiões, apresentadas no mapa a seguir, definindo áreas para gestão da saúde mundial.

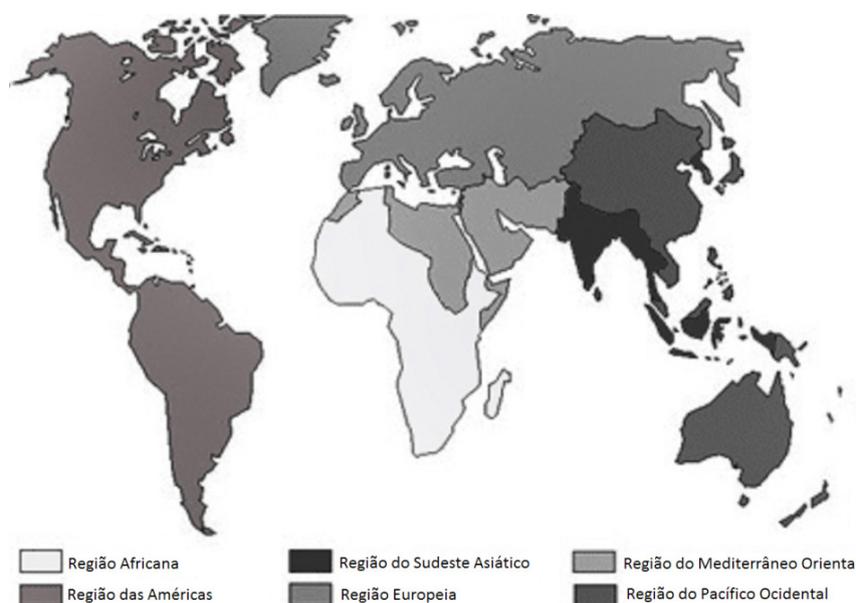


Figura 1 – Regiões da OMS

Fonte: http://www.who.int/neglected_diseases/regional_offices/en/.

Estatísticas. Anualmente a OMS publica as estatísticas sanitárias mundiais segmentadas por região. Os dados extraídos da edição de 2014, organizados em ordem lógica na Tabela 1, a seguir, contribuem para compreensão da realidade de saúde africana.

Tabela 1 – Indicadores de saúde segmentados por região da OMS – 1990-2013

Item	Indicador	Ano	Região						Global
			Africana	Américas	S.Asiático	Europeia	Medit.Or.	Pacif.Oc.	
01	População	2012	892.529	956.779	1.833.359	904.484	612.372	1.844.750	7.044.272
02	Expectativa de vida ao nascer (anos)	1990	50	71	59	72	62	69	64
		2012	58	76	67	76	68	76	70
03	Média de idade da população (anos)	2012	19	32	27	38	23	35	30
04	População menor de 15 anos (%)	2012	43	24	29	17	33	19	26
05	População maior de 60 anos (%)	2012	5	14	8	20	6	14	11
06	Crescimento demográfico (%)	2002-2012	2,6	1,1	1,3	0,3	2,1	0,7	1,2
07	Mortalidade infantil (por 1000 nasc. vivos)	1990	105	34	83	26	76	40	63
		2012	63	13	39	10	44	14	35
08	Mortalidade materna (por 100.000 nasc. vivos)	1990	960	110	520	42	340	110	380
		2013	500	68	190	17	170	45	210
09	Anos de vida potencialmente perdidos (por 100.000 habit.)	2012	63.153	18.202	29.553	22.738	30.396	17.716	28.311
10	População com acesso a fontes de água potável (%)	1990	50	90	70	95	85	71	76
		2012	66	96	91	98	87	93	90
11	População com acesso a condições de saneamento (%)	1990	27	80	25	91	53	36	47
		2012	33	88	45	93	68	70	64
12	Gasto em saúde <i>per capita</i> (US\$)	2000	35	1.879	20	931	93	286	485
		2011	99	3.482	69	2.370	195	679	1.007
13	Médicos (por 100.000 habitantes)	2006-2013	2,6	20,8	5,9	33,1	11,4	15,3	14,1
14	Prof. de enfermagem e obstetria (por 100.000 habit.)	2006-2013	12	45,8	15,3	80,5	16,1	25,1	29,2
15	Dentistas (por 100.000 habit.)	2006-2013	0,5	6,9	1	5	1,9	*	2,7
16	Farmacêuticos (por 100.000 habit.)	2006-2013	0,9	6,7	3,8	5,1	6,1	4,5	4,3
17	População vivendo em área urbana (%)	2012	39	80	34	71	49	55	53
18	Taxa de alfabetização entre ≥ 15 anos (%)	2006-2012	60	94	70	99	70	95	84
19	População vivendo com menos de 1 dólar ao dia (% , PPC)	2006-2012	51,5	5,1	29,6	*	11,2	12,4	21,5
20	Assinantes de telefonia celular (por 100 habit.)	2012	61	104	75	129	87	90	89

S. Asiático: Sudeste Asiático; Mediter. Or.: Mediterrâneo Oriental; Pacif. Oc.: Pacífico Ocidental; *: dados indisponíveis; nasc.: nascidos; habit.: habitantes; prof.: profissionais; PPC: paridade do poder compra.

Fonte: OMS, 2014.

Inferência. A análise da Tabela 1 permite a dedução de 10 inferências listadas abaixo, em ordem de aparecimento na tabela, sendo também indicado o item da mesma:

1. **Soma: Item 03.** A idade média no continente africano é inferior à idade de maturidade biológica da conscin, iniciada aos 26 anos. Tal fato indica ser a população africana formada, majoritariamente, por conscins que ainda não alcançaram a maturidade física, ou a primeira maturidade.
2. **Juventude: Item 04.** A cada 10 africanos, em média 4 possuem menos de 15 anos de idade.
3. **Maturidade: Item 05.** Aproximadamente apenas 1 em cada 20 africanos possui mais de 60 anos.
4. **Ressoma: Item 06.** O crescimento demográfico dos países africanos é o maior do planeta, tornando o continente o maior receptor das conscins ressomadas.
5. **Infância: Item 07 e 08.** A África apresenta a maior taxa de mortalidade infantil e materna mundial, restringindo a oportunidade da vivência intrafísica.
6. **Perda: Item 09.** Os anos potenciais de vida perdidos no continente africano são, da mesma forma, os maiores do planeta.
7. **Água: Item 10.** Os países africanos possuem os menores índices de acesso a água potável do globo, traduzindo o baixo acesso às condições essenciais para subsistência.
8. **Acesso: Itens 13 a 16.** A região africana possui o menor acesso a profissionais de saúde do globo.
9. **Educação: Item 18.** A menor taxa de alfabetização mundial, computada a partir dos 15 anos de idade, está no continente africano.
10. **Miséria: Item 19.** Mais da metade da população da região africana vive com menos de um dólar por dia.
11. **Tecnologia. Item 20.** O menor acesso a tecnologia dos aparelhos celulares localiza-se na região africana.
12. **Desenvolvimento: Itens 2, 7, 8, 10, 11 e 12.** A evolução registrada nas condições de saúde africana e mundial, nos últimos 24 anos, pode ser aferida por alguns dos indicadores apresentados.

Doenças. Conhecer os grupos de doenças predominantes nas diferentes regiões do globo, também auxilia na apreensão das condições sanitárias africanas, em relação aos demais continentes.

APVP. O Gráfico 1 a seguir representa a distribuição de anos potenciais de vida perdidos (APVP), por grupo de doenças (%) e por regiões da OMS, em 2008. Os APVP qualificam os anos não vividos na população, em decorrência de mortes antes do atingimento da expectativa de vida.

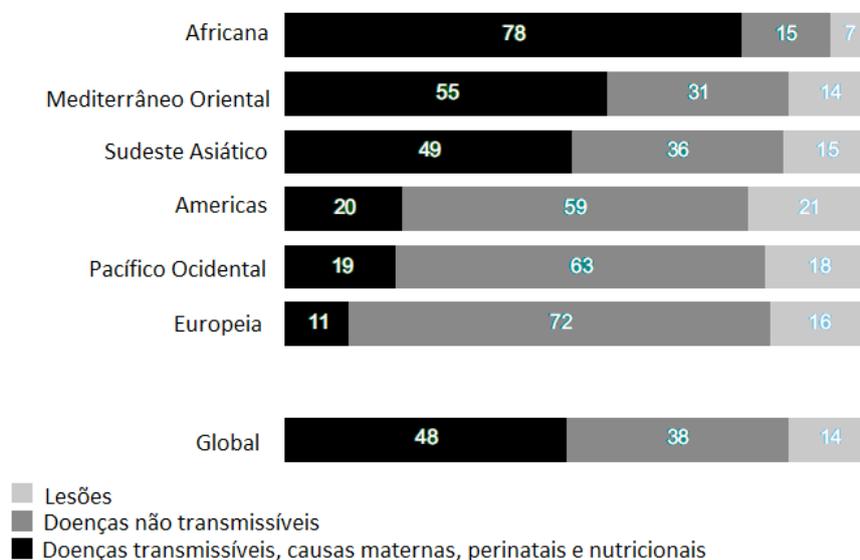


Gráfico 1 - Distribuição de APVP, por grupo de doenças (%) e por regiões da OMS - 2008
 Fonte: OMS, 2014.

Predominância. O perfil AVPV da população africana é devido, prioritariamente, às doenças transmissíveis, em especial a tuberculose, AIDS, diarreia, malária, gripe, pneumonia, e outras infecções respiratórias e intestinais, além de complicações maternas, perinatais e carências nutricionais.

Inversão. As doenças não transmissíveis, a exemplo do infarto, derrame e câncer, representam no continente africano um pequeno percentual de *causa mortis*, inversamente do que ocorre nas regiões de maior renda.

Lesões. As lesões intencionais, relacionadas a atos de violência, ou as não intencionais, decorrentes de acidentes de trânsito, quedas de altura e outros acidentes, também são menos expressivas no contexto africano.

Subnotificação. Importa destacar a frequente subnotificação das mortes decorrentes das guerrilhas, presentes no continente africano.

IV. O Planejamento de Viagem

Autocuidado. O autocuidado é a primeira assistência realizada pelo conscienciólogo intercambista.

Autorganização. Planejar e assumir condutas profiláticas otimiza a viagem e os resultados interconscienciais.

Condicionamento. Preparar-se para a demanda física e mental da viagem amplia a disposição física e reduz o estresse. Quando o intercâmbio for exigir caminhadas, levantamento de malas, carregamento de livros e *outros esportes*, verificar e melhorar, se for o caso, o condicionamento físico com a antecedência necessária.

Alongamento. Ampliar a flexibilidade corporal, através de exercícios de alongamento frequentes, facilita os movimentos restritos na poltrona e interior do avião, e agrega conforto aos voos longos.

Clima. Um bom preparo físico auxilia também na adaptação do soma às mudanças climáticas até o destino.

Check-up. Realizar os acompanhamentos de saúde e a consulta com o dentista, antes de viajar, previne complicações somáticas.

Consulta. A OMS recomenda que o viajante internacional consulte um médico de 4 a 8 semanas antes da viagem, permitindo-o receber orientações e realizar a vacinação de doenças preveníveis frequentes no país de destino.

Antecipação. Cabe reforçar que algumas vacinas exigem até 6 meses para completar todas as doses de vacinação, especialmente quando as vacinas comuns da infância não foram realizadas.

Recomendação. As indicações vacinais variam quanto ao grau de recomendação, dependendo das doenças mais prováveis do país de destino, da exposição durante a viagem, e das condições de saúde do viajante.

Dessemelhança. Algumas doenças preveníveis possuem risco semelhante na África e no Brasil, entretanto o desconhecimento ou dificuldade de acesso ao serviço de saúde no país estrangeiro tornam prudente a realização da vacina.

Exigência. A vacina contra febre amarela, recebida com antecipação mínima de 10 dias, é obrigatória para entrada em muitos países africanos, inclusive na África do Sul.

Certificado. O documento comprobatório da vacina é o Certificado Internacional de Vacinação e Profilaxia (CIVP), emitido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Carteira. A guarda do comprovante de vacinação reflete a organização profilática da conscin.

Indicações. As recomendações vacinais mais comuns ao viajante à África, excetuada a vacina obrigatória da febre amarela, são listadas a seguir em ordem lógica:

1. Hepatite. A vacina para hepatite A é recomendada ao viajante que não possui imunidade comprovada para a doença.

2. Tétano. É indicado possuir a dose de reforço da vacina contra tétano, na forma monovalente contra tétano, ou combinada à coqueluche (dT) nos últimos 10 anos, ou completar as 3 doses aos que não possuem as 3 doses.

3. Infância. A vacinação contra poliomielite, tríplice bacteriana (difteria, tétano e coqueluche), tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) e tuberculose poderão ser recomendadas caso não haja comprovação de vacinação na infância.

4. Relativa. As vacinas para cólera, meningite, pneumonia, catapora, febre tifoide, hepatite B e gripe possuem recomendação relativa e poderão ser indicadas conforme cada caso.

Assessoria. O viajante será avaliado pelos profissionais de assistência em saúde da Intercons, resultando em indicações e recomendações pessoais específicas.

Seguro-saúde. A contratação de um seguro-saúde para viagem, com cobertura para acidentes e doenças, extensivo a doenças preexistentes e assistência odontológica, assiste o intercambista em caso de enfermidades.

V. Profilaxia para Viagens Aéreas

Atmosfera. As alterações atmosféricas ocorridas durante o voo produzem efeitos somáticos desconfortáveis, quando os esforços de adaptação corporal são insuficientes para manter a homeostase. O conhecimento de 4 efeitos somáticos comuns, listados abaixo em ordem alfabética, auxilia na adoção de cuidados:

1. Expansão. A redução da pressão atmosférica em altura de cruzeiro é semelhante ao estar a uma altura de 2 mil metros, desencadeando a expansão dos gases. No soma, os gases presentes nos órgãos ocos tais como o estômago, esôfago e intestino, ou nas cavidades orgânicas, como os ouvidos, dobram de volume. Procedimentos cirúrgicos e tratamentos de canal recentes introduzem ar forçadamente no organismo, que também se expandem, podendo gerar desconforto.

2. Ouvido. A descida do avião produz o aumento da pressão atmosférica, comprimindo os tímpanos contra os gases presentes na orelha e podendo produzir dor e sensação de o ouvido estar tampado.

3. Oxigênio. Com a menor pressão ambiente, o ar torna-se rarefeito e o oxigênio fornecido ao soma é insuficiente para manter todas as funções otimizadas, dificultando o pensamento e gerando sonolência e redução dos reflexos.

4. Umidade. A umidade do ar da cabine é pelo menos 3 vezes menor em altura de cruzeiro do que aquela da decolagem, e demanda a ingestão de líquidos para manter a hidratação. Ingerir um copo de água a cada duas horas de voo previne a desidratação.

Alimentação. Antes e durante o voo é prudente realizar refeições leves e beber líquidos hidratantes, e evitar ou consumir com moderação:

- 1. Gaseificados.** Bebidas gaseificadas.
- 2. Chicletes.** Chicletes, que contribuem com a deglutição de ar, somente são recomendáveis quando inicia a redução de altitude para aterrissagem.
- 3. Líquidos.** Ingestão excessiva de líquidos ou alimentos.
- 4. Álcool.** Bebidas alcoólicas.
- 5. Gorduras.** Comida gordurosa ou condimentada.
- 6. Fermentáveis.** Alimentos fermentescíveis tais como feijão, repolho, pepino, brócolis e couve-flor, pois aumentam a quantidade de gases no interior do tubo digestivo.
- 7. Hipnóticos.** Remédios para dormir.
- 8. Estimulantes.** Bebidas estimulantes tais como café e chá preto.

Medicamentos. Os medicamentos de uso contínuo, e ainda medicamentos frequentemente utilizados, devem ser transportados na bagagem de mão, nos frascos originais e com as respectivas receitas.

Traje. A utilização de roupas leves, sapatos confortáveis e poucos adornos favorecem o conforto e a segurança no avião. As viagens não são a ocasião indicada para usar sapatos e roupas novos, ainda não amaciados.

Movimentação. Mobilizar-se no assento, executar pequenos exercícios (movimentar os tornozelos e fletir e estender os pés, por exemplo), levantar-se e caminhar pelo corredor são movimentos que auxiliam a circulação sanguínea, reduzem os inchaços e os desconfortos da restrição física.

VI. Os Cuidados no Destino

Horários. Deve-se estar atento ao *jet lag*, uma alteração do ritmo circadiano devido às diferenças de fuso horário, caracterizada por cansaço, sonolência, dificuldade para dormir, irritabilidade e incompatibilidade entre a fome e os horários das refeições.

Recuperação. Possuir uma agenda leve nos primeiros dias de viagem, e adotar os horários para refeições e repouso do destino, acelera a recuperação do *jet lag*.

Adaptação. Pode-se ainda iniciar gradativamente a adaptação ao novo horário, de três a quatro dias antes da viagem, especialmente quando há uma programação intensa a cumprir desde a chegada.

Alimentação. Os cuidados alimentares são essenciais para prevenção de doenças típicas do viajante. Eis 4 condutas profiláticas, relacionadas aos alimentos e bebidas, recomendáveis à conscin intercambista, listadas abaixo em ordem alfabética:

1. Bebidas. Beber somente água mineral engarrafada ou refrigerante, ambos de marca recomendada, e recusar gelo nas bebidas, evita exposição à água contaminada. Outras formas de ingestão de líquidos, tais como durante a escovação dos dentes, demandam uso de água confiável.

2. Cozimento. Optar por preparações cozidas e secas, e evitar comidas cruas, mesmo em restaurantes de confiança.

3. Kit. Carregar consigo pequenos lanches e garrafa de água, durante o dia, suporta a conscin em situações imprevistas.

4. Novidade. A experimentação de alimentos e temperos desconhecidos, no país de destino, pode desencadear reações alérgicas no viajante.

Mosquitos. Usar repelentes confiáveis, camisas e calças compridas de cores claras, previne o contágio por doenças transmitidas por mosquitos. A conscin atenta evita expor-se a ambientes abertos, parques e reservas naturais nos horários de maior fluxo de mosquitos como o anoitecer e amanhecer, principalmente, no verão.

Água. O contato com rios, lagos de água doce, e até mesmo com piscinas, pode transmitir doenças pelo contato de poluentes ou microrganismos presentes na água.

Pets. Brasil e países africanos possuem alto risco de contrair raiva, por isso recomenda-se evitar o contato com animais de rua, animais selvagens, e até mesmo animais domésticos quando não se conhece o *status* vacinal.

Sexualidade. As vivências sexuais com novos parceiros, durante viagens, merecem cautela e comportamento seguro.

Adoecimento. É prudente procurar assistência médica, ou recorrer à assistência em saúde da Intercons, no caso de mal-estar, suspeita de doenças, e sintomas que sugiram agravamento de doenças crônicas em tratamento.

Acidentes. Ambientes desconhecidos expõem a conscin aos acidentes pessoais, evitáveis através de, por exemplo, estas 7 condutas preventivas listadas abaixo, em ordem alfabética:

1. Base. A atenção a possíveis riscos da nova base física, tais como tapetes escorregadios, quinas de móveis, degraus e desníveis no piso, amplia a segurança pessoal.

2. Chinelos. O uso de chinelos no banho previne quedas, além de ser higiênico.

3. Discrição. Evitar falar em lugares públicos, para não ser reconhecido como estrangeiro, diminui o risco de abordagens de conscins oportunistas.

4. Joias. Evitar exposição com adereços que possam chamar a atenção de bandidos, como joias e ouro, reduz as possibilidades de assalto.

5. Rua. Andar sempre acompanhado, e evitar andar na rua após o anoitecer, protege a consciência de acidentes de percurso e da violência urbana.

6. Trânsito. O sentido da circulação de veículos, em parte dos países africanos, ocorre pela esquerda. Conhecido como “mão-inglesa”, é contrário ao adotado no Brasil, demandando atenção ao atravessar as ruas.

7. Vestuário. Adotar modo de vestir semelhante ao utilizado no país de destino, reduz a possibilidade de a consciência ser identificada como turista por criminosos.

VII. Considerações Finais

Estudo. O estudo da saúde no continente africano permite compreender a estrutura social, a espiritualidade e o acesso restrito da população aos mais diversos recursos. O entendimento do país de destino, pelo intercambista, viabiliza a autogestão do cuidado, aumenta o *rappport* com a população local e otimiza a interassistência.

Receptáculo. A extensão territorial africana expõe enorme diversidade econômica e social, tornando a África grande receptáculo terrestre para todos os tipos de assistência.

Bibliografia Específica:

1. AGOSTINHO, A. B., DA SILVA, H. L. 2012, “Desafios da Medicina Tradicional Africana no Século XXI”, *Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência. IICT–JBT/ Jardim Botânico Tropical. Lisboa, 24-26 outubro de 2012*
2. ARAKAKI, K. **Viagens internacionais: o nomadismo da Conscienciologia.** Foz do Iguaçu: Editares, 2005.
3. CANTINHO, M. “O Objecto Etnográfico e a Medicina Tradicional em África”, *Medicina Tradicional em África – IICT*
4. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. **Doutor, posso viajar de avião?: cartilha de Medicina Aeroespacial.** Brasília, 2011. Disponível em <http://portal.cfm.org.br/images/stories/pdf/cartilha_medicina_aeroespacialfinal2.pdf> Acesso: 07 jul. 2013.
5. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Regional Office for Africa. **Atlas of health statistics of the African Region 2014.** Brazzaville, 2014. Disponível em <http://www.who.int/sites/default/files/publications/921/AFRO-Statistical_Factsheet.pdf> Acesso em: 22 jun. 2014.
6. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World health statistics 2014.** Genebra, 2014. Disponível em <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112738/1/9789240692671_eng.pdf?ua=1> Acesso em: 22 jun. 2014.
7. COOKE, J. G. “**Public Health in Africa: A Report of CSIS Global Health Policy Center**”. CSIS (Center for Strategic & International Studies), Washington, DC, abril de 2009.

Filmografia Específica:

Amor sem Fronteiras. Título Original: *Beyond Borders*. País: EUA. Data: 2003. Duração: 127 min. Gênero: Romance/Drama. Idade (censura): A partir de 14 anos. Idioma: Inglês. Cor: Colorido. Legendado: Português. Direção: Martin Campbell. Elenco: Angelina Jolie, Clive Owen, Teri Polo, Linus Roache & Noah Emmerich. Produção: Dan Hlssted & Loyd Phillips. Roteiro: Caspian Tredwell-Owen. Fotografia: Phil Meheux. Desenho de Produção: Wolf Kroeger.

Direção de Arte: Claude Paré. **Figurino:** Norma Moriceau. **Música:** James Horner. **Edição:** Nicholas Beurman. **Efeitos Especiais:** Les productions de l'Intrigue Inc. **Estúdio:** Mandalay Pictures. **Distribuição:** Paramount Pictures. **Sinopse:** Uma festa da alta sociedade londrina é interrompida por Nick Callahan (Clive Owen), um médico que trabalha em campos de refugiados na África. Nesta festa estava Sarah Jordan (Angelina Jolie), uma socialite casada com Henry Bauford (Linus Roache), filho de um influente empresário inglês. Sarah decide apoiar as causas humanitárias de Nick e, em vez de, simplesmente, desembolsar o dinheiro para enviar suprimentos e medicamentos, resolve entregá-los, pessoalmente, na Etiópia. O contato com a miséria do povo etíope faz com que Sarah, após retornar a Londres, passe a trabalhar em uma ONG que atua em causas humanitárias.

O Egípcio. Título Original: *The Egyptian*. **País:** EUA. **Data:** 1954. **Duração:** 139 min. **Gênero:** Drama épico. **Idade (censura):** Livre. **Idioma:** Inglês. **Cor:** Colorido. **Legendado:** Português. **Direção:** Michael Curtiz. **Elenco:** Edmond Purdom, Peter Ustinov, Victor Mature, Michael Wilding, Tommy Rettig, Bella Darvi, Jean Simmons & Gene Tierney. **Produção:** Darryl F. Zanuck. **Roteiro:** Philip Dunne & Mika Waltari, baseado na obra de Mika Waltari. **Fotografia:** Leon Shamroy. **Música:** Bernard Hermann & Alfred Newman. **Montagem:** **Cenografia:** Walter M. Scott & Paul S. Fox. **Companhia:** CinemaScope by 20th Century Fox. **Sinopse:** Nos tempos da décima oitava dinastia do Egito, Sinuhe (Edmund Purdom), um pobre órfão, torna-se um brilhante médico. Junto a seu amigo Horemheb (Victor Mature) ele é apontado para servir ao novo Faraó. Vivendo na corte, Sinuhe começa a perceber coincidências entre acontecimentos que marcaram as dinastias faraônicas e tragédias que marcaram sua própria vida. Cada vez mais absorvido pelas intrigas da corte, ele passa a conhecer bizarros segredos de seus governantes e muitas respostas para perguntas que ele carregou consigo durante toda a sua vida.

O Espírito da Selva. Título Original: *Albert Schweitzer: Called to Africa*. **País:** EUA. **Data:** 2006 **Duração:** 100 min. **Gênero:** Drama. **Idade (censura):** Livre. **Cor:** Colorido. **Legendado:** Português. **Direção:** Gray Hofmeyer. **Elenco:** Malcolm McDowell, Susan Strasberg, Andrew Davis & Henry Cele. **Produção:** Ashok Amritraj. **Produção executiva:** Edgar Bold. **Roteiro:** Michels Potts. **Fotografia:** **Música:** Zane Cronje. **Companhia:** London Films. **Sinopse:** Dr. Albert Schweitzer (Malcolm McDowell) é um homem de propósitos disposto a mudar o mundo ao seu redor. Durante 30 anos de sua vida ele se dedicou a causas nobres. Tornou-se médico, músico e filósofo respeitado em toda a Europa. A lado de sua esposa (Susan Strasberg), ele inicia uma jornada rumo ao coração da Selva Africana, onde encontra um povo sofrido próximo da destruição total. Lutando contra as adversidades, pretende criar uma clínica médica em plena África selvagem.



Foto: Judite, com marido Ilídio e filho Alfredo, Foz do Iguaçu, 2013.

ENTREVISTA COM JUDITE JOAQUIM RAUL

Entrevistador: Ilídio Imacaringue

Judite Joaquim Raul, de nacionalidade moçambicana, casada, mãe de 1 filho, a frequentar o último ano do Curso de História e Geografia na Universidade Pedagógica de Moçambique, viveu cerca de 6 meses (Novembro de 2012 a Maio de 2013) na cidade de Foz do Iguaçu, no âmbito da visita que fez ao seu esposo, estudante de mestrado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Na entrevista que se segue, colhemos algumas impressões que ela teve da cidade durante o tempo da sua estadia.

Entrevistador (Ent.): Qual foi a sua impressão sobre a cidade de Foz do Iguaçu?

Judite Joaquim Raul (Judite): Apesar de ter estado pouco tempo, cerca de 6 meses, gostei bastante, pelo facto de ser uma cidade cosmopolita, onde convergem pessoas de diferentes etnias, razão pela qual me sentia em casa. Mais ainda, é uma cidade muito calma, com muitos espaços verdes, um grande potencial turístico e uma boa localização geográfica, o que permite chegar, com alguma facilidade, à Argentina e ao Paraguai.

Infelizmente não pude ir à Argentina, mas fui ao Paraguai, na Cidade do Leste. Foi muito bom ter ido para lá em função das ofertas diversificadas dos produtos e com preços relativamente baixos em relação à Foz do Iguaçu.

Achei muito interessante, também, a ideia de parques públicos para fazer exercícios físicos. Quem não tem dinheiro para pagar a academia, pode manter a forma física praticando exercícios nesses lugares. É muito bom!

Ent.: Quais são os pontos negativos da cidade?

Judite: A impressão que se tem do Brasil, sobretudo com as imagens da violência nas favelas do Rio de Janeiro e a violência urbana em São Paulo, é de um país muito violento, razão pela qual evitava sair, com regularidade, à noite por causa disso. Até porque alguns programas televisivos passam muitas notícias sobre a criminalidade e isso me intimidava bastante. Mesmo de dia, quando saísse, sempre tinha algum medo. Mas no geral, é uma boa cidade.

Outro aspecto é o clima. Quando chove é em abundância, o frio aos extremos e um calor abrasador. Portanto, é uma cidade, em termos de clima, dos extremos. Tudo em excesso.

Ent.: Falou sobre o turismo. Quais foram os locais que mais gostou?

Judite: Sei que a cidade de Foz do Iguaçu tem um grande potencial turístico. Infelizmente não pude visitar todos os lugares que gostaria. Dos que visitei, sem dúvidas, gostei das Cataratas e do Parque das Aves. São lugares fantásticos e recomendo.

Se calhar seriam muito bom serem publicitados também em muitos países africanos, tendo em conta que o Brasil é muito conhecido em África e é um dos países que muitos gostariam de visitar e até talvez viver.

Às vezes quando se fala de Brasil, as pessoas só pensam em Rio de Janeiro e São Paulo, Cristo Redentor, Praia de Copacabana e Carnaval. Mas pude ver que o Brasil tem muitas outras coisas boas.

Ent.: O que achou da população e da culinária da cidade?

Judite: No geral, o povo é simpático e hospitaleiro. Talvez seja por isso que dizem que é uma das cidades com muitas etnias do Brasil.

Gostei muito da culinária. É bem diversificada e provei pratos que nunca tinha visto. Pude almoçar e jantar em alguns restaurantes da cidade e em casa de casais amigos.

A culinária brasileira é extraordinária. Aqui se aproveita muita coisa para fazer pratos deliciosos. E o que dizer do churrasco? Simplesmente fantástico.

Ent.: Últimas considerações

Judite: Foi muito bom estar em Foz, fiz muitas amizades e passei bons momentos com a minha família. Gostaria de voltar um dia para completar o meu roteiro turístico, como, por exemplo, visitar a ITAIPU e o Eco Museu. Soube também que abriram novas opções turísticas, como o Museu de Cera e o Vale dos dinossauros.

Se tiver mais uma oportunidade de retornar à cidade, com certeza que embarco no primeiro avião. Valeu a pena!



Foto: Cataratas do Iguaçu.